

POLÍTICA NA COMUNIDADE DA DIFERENÇA, MICROPOLÍTICA E SEGMENTARIDADE EM MIROSLAV, DELEUZE E GUATTARI

*POLITICS IN THE COMMUNITY OF DIFFERENCE
MICROPOLITICS AND SEGMENTARITY IN MIROSLAV,
DELEUZE & GUATTARI*

Antonio Sergio Cangiano

Universidade de Brasília, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v4i1.188>

RESUMO: A política na comunidade da diferença é o tema deste artigo. O processo político atual, ou seja, nos Estados e nas democracias, é complexo em todos os sentidos e direções, com perigos de totalitarismo e fascismo permeando o plano de existência. Somos diferentes e precisamos compreender a política nas diferenças. Em suas obras, Miroslav Milovic tem como questão a filosofia na modernidade e a filosofia política de como chegamos até aqui onde estamos. A sua obra *Comunidade da diferença* (Milovic, 2004) desenvolve uma crítica à filosofia tradicional nos pensamentos de filósofos modernos desde Descartes. A motivação de Miroslav nos contagia a continuar pesquisando. Para irmos além, incluímos neste estudo a metafísica da continuidade na filosofia política de Deleuze e Guattari. Eles presenciaram o movimento global de 1968 iniciado na França e escrevem a obra *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1* (Deleuze; Guattari, 2011a) e depois a obra *Mil Platôs* (Deleuze; Guattari, 2011b, 2011c, 2012a, 2012b, 2012c), que proporcionam conceitos claros relacionados à política e psicanálise, questionando a intersubjetividade contra a produção social de desejos. Inovam com conceitos inéditos como segmentaridade, micropolítica, molar, molecular, linhas desejantes, máquinas abstratas, produção desejante, plano de consistência, massa, classes, minorias, linhas binárias duras, linhas flexíveis e de fuga, linhas suicidárias e círculos segmentários, dentre outros conceitos. O movimento social possui momentos de velocidades e lentidões, sempre em velocidades diferenciadas tendo como motor a política. Está sempre presente nos acontecimentos do mundo provocando, induzindo, modelando, formando, destruindo e reconfigurando consistências e territórios. Está em jogo a possibilidade de mudanças ou a manutenção de inércias dominantes. Sentimos, nas mais variadas vezes, uma impotência em agir para definir ou



mesmo escolher rumos nos sentidos que desejamos neste mundo mutante. A força de um corpo é menor do que a força de um coletivo de corpos, os desejos coletivos contêm uma potência política. Raramente visualizamos cenários de ressonâncias criativas para um “novo possível”; precisamos, no contexto atual do mundo, de algo novo na política, na economia e no direito. Ou seja, precisamos de mudanças cognitivas expressivas na cultura e na criação de novos padrões de vida necessários para habitar o planeta. A política deve estar atualizada enquanto instrumento social primordial para as mudanças necessárias e na velocidade adequada. A nova era terrestre, ao nosso entender, já está caracterizada como Tanatoceno, que ultrapassa o limite do Antropoceno e estabelece um limiar de morte das espécies e da humanidade. A Política atual deve estar exposta à filosofia da diferença, dado que sem ela o jogo raso de interesses da ganância devirá em aprofundar as consequências do Tanatoceno, com os perigos já identificados. Este artigo não pretende esgotar a metafísica da continuidade e, tampouco, a filosofia política dos autores ou abranger na quase totalidade o rizoma em que se insere a política na comunidade da diferença. Todavia, pretende pontuar alguns conceitos em uma nova “semiótica perceptiva” que nos permita refletir e agir para a construção de novos mundos possíveis.

PALAVRAS-CHAVE: Tanatoceno. Filosofia Política. Molecular-molar. Micropolítica. Macropolítica. Comunidade da diferença.

ABSTRACT: Politics in the Community of Difference is the theme of this article. The current political process, that is, in states and democracies, is complex in every sense and direction, with dangers of totalitarianism and fascism permeating the plane of existence. We are different and we need to understand politics within differences. In his works, Miroslav Milovic addresses the question of philosophy in modernity and the political philosophy of how we arrived at where we are today. His work, Community of Difference (Milovic, 2004), develops a critique of traditional philosophy in the thoughts of modern philosophers since Descartes. Miroslav's motivation inspires us to continue researching. To go further, we include in this study the metaphysics of continuity in the political philosophy of Deleuze and Guattari. They witnessed the global movement of 1968 that began in France and wrote the work *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia* (Deleuze; Guattari, 2011a) and later the work *A Thousand Plateaus* (Deleuze; Guattari, 2011b, 2011c, 2012a, 2012b, 2012c), which provide clear concepts related to politics and psychoanalysis, questioning intersubjectivity, against the social production of desires. They innovate with unprecedented concepts such as segmentarity, micropolitics, molar, molecular, desiring lines, abstract machines, desiring production, plane of consistency, mass, classes, minorities, hard binary lines, flexible and flight lines, suicidal lines and segmental circles, among other concepts. Social movements experience periods of speed and

slowness, always at varying speeds, driven by politics. They are constantly present in world events, provoking, inducing, shaping, forming, destroying, and reconfiguring consistencies and territories. At stake is the possibility of change or the maintenance of dominant inertias. We often feel powerless to act in order to define or even choose directions in the ways we desire in this ever-changing world. The strength of an individual body is less than the strength of a collective of bodies; collective desires contain political power. We rarely envision scenarios of creative resonance for a “new possibility.” In the current global context, we need something new in politics, economics, and law. That is, we need significant cognitive changes in culture and the creation of new living standards necessary to inhabit the planet. Politics must be updated as a primary social instrument for the necessary changes, and at the appropriate speed. The new terrestrial era, in our understanding, is already characterized as the Thanatocene, which surpasses the limits of the Anthropocene and establishes a threshold of death for species and humanity. Current politics must be exposed to the philosophy of difference, since without it the shallow game of interests driven by greed will only deepen the consequences of the Thanatocene, with the dangers already identified. This article does not intend to exhaust the metaphysics of continuity, nor the political philosophy of the authors, nor to encompass almost the entirety of the rhizome in which politics is inserted within the community of difference. However, it aims to highlight some concepts in a new “perceptive semiotics” that allows us to reflect and act towards the construction of new possible worlds.

KEYWORDS: Thanatocene. Political Philosophy. Molecular-molar. Events. Micropolitics, Macropolitics. Community of difference.

Introdução

A motivação para escrever esse artigo se dá na perspectiva de estender argumentos da obra do filósofo Miroslav Milovic, que lida com questões da filosofia na modernidade e na perspectiva da pós-modernidade (Milovic, 2004), na insistente busca de refletir como a filosofia impacta a modernidade e quais são as superações filosóficas possíveis. A questão concreta se configura em como superar o capitalismo pelas vias filosóficas e em críticas às tradições, pensadas e escritas por filósofos consagrados na modernidade.

O capitalismo atual, em nossa análise, entra no Tanatoceno¹, na **opinião do autor**, com base nas leituras das obras *Carta à Terra e suas*

1 Tanatoceno – Tanatos significa Pulsão de Morte, conceito desenvolvido por Sigmund Freud

respostas (Azam, 2020) e *A chuva desmancha todos os fatos* (Danowski, 2024), a era geológica em que vivemos já supera o limiar do Antropoceno², resultado da intervenção planetária de extração de recursos para a acumulação capitalista e consumo de bens duráveis poluentes.

A Terra responde à exploração burguesa, e aos nossos hábitos de consumo consequentes, com catástrofes e pandemias sem, no entanto, esse mundo capitalista proporcionar: equidade, bem-estar, qualidade de vida, segurança, e possibilidades de construções de novos mundos possíveis. Pelo contrário, o sistema atual aumenta a inequidade, a exclusão social, a concentração de riquezas, a extração extrema de recursos para acumulação até o limite intolerável de conjurar “causas mortis” da vida planetária (Azam, 2020), sendo a extinção das espécies a forma que a Terra responde às agressões capitalistas e de consumo irracional. A política ainda é a “tábua de salvação” mundial.

Tecnologias de guerra cujo único objetivo é a morte (Tánatos, Deus da morte para os gregos, filho de Nyx, à noite, e irmão gêmeo de Hipnos – o sono na obra *Teogonia*)³ superam investimentos de capital em relação a qualquer outra indústria. A exponencial produção bélica não se importa com agressões⁴ à Terra que, por sua vez, responde com alterações climáticas extremas como tormentas, inundações, terremotos, tsunamis, furacões, ciclones, trombas d’água, pandemias, etc., dentre outras respostas, resultantes da ação privada humana sobre a Terra. Em destaque, notamos o aquecimento global constatado no degelo, cientificamente mensurável ano a ano, constatado no Ártico e na Antártica, provocando elevação do nível do mar, gerando agenciamentos atualizados em disputas para uma exploração capitalista ainda maior, com rotas de comercialização e exploração de gás

em 1920 na obra *Além do princípio do prazer*. No Tanatoceno, dado o aquecimento climático em virtude das extrações, consumo, guerras pelo petróleo e gás, com as consequentes respostas que a Terra tem dado neste limiar, na forma de catástrofes com tragédias humanas e de demais espécies, este direciona nossa análise rumo à extinção das espécies, inclusive a nossa. Tanatoceno expressa a pulsão de morte da Terra, a extinção e o colapso associado à ação humana na Terra. Contrasta com o Antropoceno como apenas uma força geológica no limite, pois se trata da extinção das espécies no planeta de maneira mais radical, dado que denuncia as formas de vida e a intervenção humana destrutiva da pós-modernidade, ou pós-Antropoceno (Azam, 2020).

2 O Antropoceno está conceitualmente definido como a intervenção humana na Terra e os impactos que essa ação provoca. Em março de 2024 a comissão Internacional de Estratigrafia (ICS) e a União Internacional de Ciências Geológicas (IUGS) rejeitaram a proposta de inclusão do Antropoceno como uma Época Geológica (EG) na Escala de Tempo Geológico (ETG) (Danowski, 2024).

3 *Teogonia* – É um poema épico do século VII a. C escrito por Hesíodo.

4 Agressões: bombas, mísseis, jatos, tanques, navios, drones consumidores de oxigênio e produtores de CO2 em larga escala; **Nota do autor**

e petróleo no ártico, agora com lucro viável sob a camada de gelo reduzida em que, desprezando-se o Antropoceno aumenta-se a produção. A Terra é explorada de forma privada, resultado do capitalismo. A lógica utilitarista calculista de acumulação agencia disputas globais por riquezas e territórios já devastados e vulneráveis. A ambição americana pela Groelândia e pelo Canadá, e terras raras no Brasil, por exemplo, ilustra esse fato.

A Era da Morte, “Tanatoceno”, em que a humanidade passa do limite do Antropoceno, mais do que nunca depende da política para criação de “novos possíveis” que rompem com a inércia capitalista, atualmente configurada como “neoliberalismo⁵”. A política tem sido apropriada pela extrema direita que, enquanto fenômeno mundial, forja um *socius* submetido ao controle de si com a exploração de alto desempenho impregnada no sangue, sem necessidade de hierarquias externas. Fomenta políticas fascistas de isolamento, limpeza étnica e eliminação dos diferentes, configurada em linhas de morte homicidas e suicidárias, como constatamos nos genocídios recentes em Gaza e no Leste Europeu: vemos a “banalidade da morte”.

O fascismo, corpo canceroso já experimentado globalmente com o Dulce e o Führer, reverbera no plano molecular da sociedade em um movimento de massa, ou seja, no plano das emoções, das intensas vibrações corporais que perpassam afetos no plano duro molar organizado em agenciamentos de ódio que ressoam sentimentos tristes, proporcionando aberturas intoleráveis para a eliminação do outro pela eliminação das diferenças em processos lineares, binários, circulares ou infinitos imbricados de violências contra todos, contra a Terra e todas as espécies vivas, hoje apropriados pela extrema direita internacional.

O neoliberalismo fundamentado na ganância e nos medos sociais, hoje impulsionado pelas tecnologias digitais, largamente difundido nas mídias, redes sociais, igrejas diversas e nos modos de convivência habituais, prega a liberdade além do liberalismo com foco no indivíduo gestor de

5 Neoliberalismo - A face dominante do capitalismo atual que impõe redução: nos programas sociais, dos direitos trabalhistas, do Estado social, e aumenta os incentivos ao capital mercantil e desregulamentação financeira, sob o falso conceito de liberdade mercantil transmutada em liberdade social, caracterizado com o programa de Estado mínimo para o social e Estado máximo para o capital, com máximas leis de proteção mercantil e desregulamentação e leis favorecendo o capital financeiro, além de formação policial e militar para conter as massas excluídas, que acreditam possuir liberdade de empreender sem Estado. Nesse contexto, esse artigo faz referência maior ao capitalismo do que ao neoliberalismo, dada a hegemonia capitalista, sobre a dominância neoliberal temporária, que se apresenta com a extrema direita mundial e no Brasil. (Guimarães, 2026)

sí, constitui dominância no plano atual de ressonância da sociedade de controle, virtual, algorítmica, composta de máquinas abstratas odiosas de segmentações molares que odeiam as diferenças, elevam as semelhanças de classes com interesses de exploração e promovem uma infinidade de afetos tristes e doenças como o “*burnout*” e o “*brain rot*” (Han, 2014).

A atual sociedade do desempenho, sob controle burguês empresarial e social excludente, seduz trabalhadores com cantos de sereias de liberdade e de poder-sem-poder nos quais os trabalhadores, mesmo sem poder nenhum, ainda se percebem empoderados pela exploração de sí e de seus recursos privados (Han, 2017). Sem tempo para sí, controlado pelo desempenho monitorado pela sociedade de controle, o pensamento se esvai, inconclusivo, em *likes* e *dislikes* nas redes sociais gerando vazios existenciais (Han, 2021).

A produção de afetos tristes em larga escala derrete a nossa potência para agir e mudar a inércia dessa organização de mundo na era de morte. A esperança possível se fundamenta na política em todos os níveis com frenéticas buscas de salvação e de mudanças, mas, para isso, a filosofia é necessária para pensar sobre esse plano de imanência com toda sua complexidade, multiplicidade, movimentos e inércias que esse desafio nos impõe.

Deleuze e Guattari nos brindam com inovadores conceitos em uma “semiótica perceptiva” para demonstrar que a inércia capitalista é resultado de fluxos desejanter de produção, apegados na subjetividade desejanter, capturada no *socius* capitalista por dispositivos diversos. Demonstram dificuldades existenciais, dado que fluxos desejanter minoritários em larga escala existem, porém segmentarizados, em diferenças de complexas composições moleculares e molares. Apesar de serem capazes de construir novos planos de consistências significantes que potencializem “novos possíveis” ou “novos mundos possíveis” que estão contidos e contingenciados por fluxos capitalistas desejanter dominantes, organizados capazes de submeter as forças subjetivantes destoantes das massas, produzindo ilusão de estabilidade existencial, crenças e superstições que negam o Antropoceno e o Tanatoceno.

Há uma “dança” integrada entre planos de imanência molares e moleculares, planos organizados, estriados, normatizados, legalizados, produtivos, supostamente estáveis, mas que escapam em minorias moleculares com clarezas sobre o que está intolerável nos planos molares

e produzem uma dança de serpentes molares e moleculares em devires perceptíveis e imperceptíveis transformadores ou mantenedores de inércias.

Nós estamos, em todos os momentos, segmentarizados (diferentes) com opiniões diversas, resultado de cada duração singular, de cada sujeito, com diversas singularidades que são dependentes de educação, cultura, localização, conhecimentos absorvidos e neurotizados que foram ensinados ou aprendidos pela vida passada que deságua no presente em um caos de opiniões que têm potência, ou não, de conjurar ações políticas significantes que possam resultar em sobrecodificações nas áreas de direito, economia e política nos planos institucionais, individuais e coletivos, locais e globais, com força de lei que podem se tornar (devoir) costumes habituais absorvidos no *socius*.

A lenta velocidade do direito em produzir jurisprudências e leis adequadas, imanentes ao “novo necessário” para conter ou evitar o Tanatoceno, com a finalidade de uma nova convivência planetária segura, deve acompanhar a política em desdobramentos institucionais de Estados, cidades e de relações multilaterais, locais e internacionais, subjetivas e individuais que conjurem desejos coletivos de mudanças para preservação da espécie, sendo que esses efeitos não funcionam no campo abstrato, molecular, e sim no plano molar organizado, e requer que o direito organize um novo mundo possível.

Nesse contexto conflituoso, os desejos coletivos minoritários podem se transformarem em luta política com potência para compor forças de sobrecodificação, construção de territórios e atingir uma potência para desterritorializar a inércia global da era geológica que se avizinha, contendo o Tanatoceno suicidário. A política deve abrir condições de criação de novos possíveis, novos mundos ainda não inteiramente cogitados e novos mundos toleráveis e passíveis de flexibilizar o intolerável, em um movimento positivo com filosofia, ciência e arte.

As críticas da modernidade filosófica de Miroslav Milovic na obra *Comunidade da diferença* (2004) e o prefácio de *Sociedade e diferença* (Milovic et al., 2006), agregadas às obras de Deleuze e Guattari, refletem a filosofia política no plano de imanência (ou seja, no plano de existência, da vida, sem qualquer transcendência possível, a não ser o atual) configura uma ontologia política de diferentes que amplia o campo filosófico para uma natureza do “ser” que, continuamente, afeta e é afetada de múltiplos modos, com subjetividades singulares, individuais e coletivas, com referências em Espinoza.

Assim, ampliam o campo filosófico para uma natureza do “ser” como multiplicidades, o ser com a soma infinita de “Es” (ele é isso “E” aquilo, “E” aquilo outro, “E” tudo isso “E” muito mais) com diferentes durações, sujeitas ao passado, a devires e desejos coletivos que potencializem forças que delineiam a realidade social, ou melhor, modelam o *socius*. A filosofia da dupla de pensadores Deleuze e Guattari é uma verdadeira filosofia da imanência com os desejos produzindo o que percebemos da realidade, ou seja, uma metafísica da continuidade, movimentos perceptivos numa ontologia do sensível, inteligível em uma intuitiva “semiótica perceptual” (Adkins, 2023, p. 13-29, 249).

A primeira sessão desta pesquisa mostrará contidamente o percurso do filósofo Miroslav Milovic na obra *Comunidade da diferença* (2004). A seguir, tendo como foco a metafísica da continuidade na filosofia de Deleuze e Guattari, focaremos na obra *Mil Platôs, volume 3* (2012a), no platô político capítulo micropolítica e segmentaridade, produções políticas desejantes com efeitos em devires possíveis, tanto de mudanças da inércia como de manutenção da estabilidade e, dentre eles, em destaque, o fascismo e o totalitarismo.

Na segunda sessão será destacado o movimento perpétuo entre os planos molar e molecular, a política relacionada aos conceitos de macropolítica e micropolítica, os afetos decorrentes e a propensão ao fascismo no devir, no plano de imanência, manifestando-se em exemplos independentes de velocidades e lentidões políticas como o fascismo, em contraste com o totalitarismo. O fascismo e o totalitarismo são colocados nos seus fundamentos em extremos e de forma diversa para exemplificar esses movimentos.

Serão discutidos os conceitos de massa e de classes sociais, as diferenças que o plano molar estabelece e as percepções moleculares que podem forçar limites e estabelecer novos limiares assentados com a política, isso na terceira sessão.

A quarta sessão explorará o ciclo de trocas entre as massas e as classes, assim como o papel que a classe pivô desempenha e deverá desempenhar entre o molar e o molecular que, por sua vez, afetam a vida e movimentam o plano de existência.

Ao final, apresentaremos o que a política é capaz de compor para o novo processo, com as quebras de paradigmas fundamentadas em fluxos de desejos coletivos que criam linhas de fugas coerentes com uma nova racionalidade ecológica adequada, de combate ao Tanatoceno, em processos

inéditos proporcionados pelos novos potenciais de fluxos desejanos do *socius* ameaçado de extinção pela Terra.

Filosofia política na comunidade da diferença

Em nossas aulas na UnB e em suas pesquisas da pós-graduação em Direito como Potência o filósofo Miroslav Milovic demonstrou nas obras de sua autoria como *Comunidade da diferença* (Milovic, 2004) e *Política e metafísica* (Milovic, 2017) traçando para esses estudos conceitos críticos e suas relações com a filosofia tradicional na modernidade para, em seguida, acrescentarmos conceitos da obra de Deleuze Guattari sobre política na comunidade da diferença e o que se pode prospectar na filosofia dos franceses, sem nos apegarmos ao estruturalismo binário tradicional. Juntamente com os orientandos, Miroslav pesquisava como partimos da origem grega e chegamos até a modernidade filosófica de hoje e o que podemos esperar do futuro.

A comunidade da diferença na modernidade

A proposta da obra *Comunidade da diferença* (Milovic, 2004) é visitar os fundamentos da filosofia clássica e os relacionamentos críticos do sujeito, da subjetividade e da intersubjetividade, consagrada como filosofia moderna, culminando no fato de que ainda não se tem um conjunto razoável de argumentos que possam responder intuitivamente e ontologicamente ou produzir uma metafísica de modernidade coerente sobre a política enquanto produto da intersubjetividade ou da produção transcendente, ou histórica de sujeitos.

A intersubjetividade, a subjetividade, as razões e desejos que produzem e mantêm a inércia do capitalismo moderno não são suficientes para explicar a modernidade tendo como análise os fundamentos filosóficos clássicos. A obra *Comunidade da diferença* (Milovic, 2004) é composta de uma multiplicidade de sujeitos e segmentaridades diferentes em tudo, principalmente na duração de cada percurso vital, seja ele familiar, escolar, institucional, emocional, psicológico, etc., uma massa de sujeitos diferentes (segmentados) que convivem tendo a política como instrumento de direções e sentidos.

Estes estudos metafísicos têm a filosofia política tradicional no centro das críticas ao capitalismo e desaguam na ontologia com conceitos

relacionados aos sujeitos no mundo. Neste percurso, Miroslav foi um profundo conhecedor, não só dos filósofos alemães, mas dos filósofos franceses e da história da filosofia até hoje. Fato é a sua formação filosófica na Iugoslávia, França e Alemanha, dentre outros países, culminando no Brasil como base para suas obras.

Na práxis de suas aulas tive a satisfação, ou melhor, afetos alegres, de poder compartilhar com ele e os colegas o seu conhecimento e suas críticas profundas à filosofia clássica. Tanto os estudos sobre São Paulo (Paulo de Tarso) e sobre os gregos (Espírito e Carne, respectivamente), até chegar na modernidade com críticas aos filósofos de destaque tais como Descartes, Kant, Hegel, Karl Marx, Maquiavel, Husserl, Hobbes, Rousseau, Habermas, Hanna Arendt, Espinoza, Lyotard, Derrida e Hume, sem esgotar outros autores de peso da filosofia ocidental, além de outros comentaristas registrados na obra *Comunidade da diferença* (Milovic, 2004).

A modernidade filosófica é o foco principal de Miroslav.

A modernidade se dá em vários aspectos: ela é a transformação da comunidade tradicional nos âmbitos da cultura, economia, política etc. Aqui nos interessa a modernidade filosófica. Podemos seguir a sugestão de Hegel de que a filosofia moderna começa com Descartes e com a afirmação da autoridade do nosso próprio pensamento, ou seja, em lugar de seguir o mundo objetivo e procurar as soluções dentro da metafísica da objetividade, o pensamento moderno procura a certeza dentro de sua própria estrutura. O nosso pensamento é o novo fundamento. Com isso Descartes abre a perspectiva da moderna metafísica da subjetividade (Milovic, 2004, p 11).

Miroslav, em suas críticas direcionadas aos filósofos alemães Kant, Hegel, Heidegger e Habermas, a partir da modernidade inaugurada por Descartes, analisa pontos em que ainda persistem perguntas sem respostas e caracteriza essa metafísica conceitualmente como a “metafísica da presença” enquanto resultado das obras desses pensadores. Em síntese, Miroslav discorre: “Eu diria que toda a história de filosofia moderna poderia ser pensada como o passo que começa com o racionalismo cartesiano e termina com o idealismo alemão, com a possibilidade de se pensar a subjetividade constitutiva” (Milovic, 2004, p. 43).

Na sequência, analisa a fenomenologia com Husserl e Santo Agostinho e, apesar da profunda análise desses pensadores (recomendo a leitura da obra *Comunidade da diferença* de Milovic, 2004), este artigo pretende alongar a análise de Miroslav sob o aspecto da continuidade de

acontecimentos e agenciamentos de linhas subjetivantes sob o enfoque “pós-moderno” na filosofia da diferença, com forte referência à obra *Mil Platôs*, de Deleuze e Guattari. No entanto, é importante destacar que após análises minuciosas nos planos metafísico, ôntico e ontológico, Miroslav nos brinda com a perspectiva da filosofia da diferença como possibilidade pós moderna, dizendo que

A consciência é sempre a relação com o outro, com os signos. [...] A consciência é tecida com o outro, com os signos, com a diferença. Não se pode falar sobre a subjetividade constitutiva, pelo contrário, ela mesma é condicionada pela diferença. [...] A subjetividade, o lugar central da filosofia moderna, tem de ser desconstruída. A metafísica da presença deve ser superada pela ideia da diferença” [...] afirmando a diferença, a pós-modernidade ajuda a pensar algo novo na filosofia. Ajuda a sair do deserto do pensamento metafísico, onde não aparecem coisas novas, mas repetem estruturas dominantes (Milovic, 2004, p. 102-103).

Miroslav segue com outros autores importantes na *Comunidade da diferença* (2004) tais como Hobbes, Rousseau, Espinoza, Nietzsche, Habermas, Foucault, Deleuze, etc. e afirma que a possibilidade de pensar o novo, “uma filosofia do novo”, está na superação da modernidade filosófica, aceitando a diferença. Ou seja, a segmentaridade social, tendo a política como potência de criação em uma pós-modernidade que tenha a comunidade da diferença, com sua multiplicidade de desejos e crenças operados por máquinas diversas e por planos de ressonâncias que capturam desejos nos movimentos de inércia e de mudanças, mantendo a tradição.

Não há nada de novo na história, conforme nos fazem lembrar as palavras hegelianas. Só que nessa confrontação com a metafísica, o herói derridiano não será Zaratrusta, ou alguma forma de resistência estética, que Foucault e Baudrillard ainda procuram, e sim Abraão e a tradição judaica. Os judeus são como os outros, que o cristianismo não aceita. Assim o antissemitismo começa dentro do cristianismo (Milovic, 2004, p. 103-104).

O desafio colocado por Miroslav é pensar o novo a partir da comunidade da diferença, analisar as ligações entre política e metafísica e se a metafísica tem uma dependência específica da política na modernidade. Sobre isto, comenta: “parece-me que, no contexto moderno, é a própria política que cria um fundo metafísico. Isso será uma das mudanças estruturais entre a Tradição e a Modernidade. *Como Entender Isso?* “ (Milovic, 2017, p. 15, grifo do autor).

A nossa perspectiva neste estudo é que a metafísica seja fundante da política. Todavia, para compreendermos isto é preciso conhecer a metafísica da imanência e como as subjetividades se manifestam na política. Por essas razões de produção desejante, fluxos e cortes, Deleuze e Guattari trazem a filosofia da diferença, ou seja, inovam com sua filosofia da continuidade, a qual conecta o social com o indivíduo e vice-versa, com movimentos e lentidões que são efeitos de fluxos desejantes. Portanto, há um outro alcance na filosofia da modernidade, talvez uma visão “pós-Moderna”, uma perspectiva com outra semiótica inovadora e não estruturalista que traga luzes para a política, sendo esse o desafio presente.

Para que o novo tenha conteúdo e expressão a filosofia tem o seu papel fundante, com durações diferenciadas, deve ter fortes relações rizomáticas arraigadas no plano da existência ou no plano imanente dos acontecimentos, onde tudo ocorre.

Acontecimentos e agenciamentos na política

Acontecimentos e respectivos agenciamentos moldam a segmentaridade dura, (organizada), a formação de classes, a burocracia, a produção e a circulação do dinheiro. No entanto, sempre escapam segmentaridades flexíveis em devires desejantes que são resultados de micro percepções e afecções diferenciadas que ocorrem na massa molecular (conjuntos de classes, massas), em criações, inventividades ou fascismos.

Os acontecimentos possuem **primazia política**⁶ para configurar agenciamentos à inércia ou para as mudanças do Estado, do direito e da economia. Nos agenciamentos globais do capital como indústria do petróleo, finanças globais, indústria bélica, formações das classes militares, rostos em cargos como *Chief Executive Officers* (CEOs), rentistas e petroleiros são promovidos ininterruptamente pelos sacerdotes da burocracia. Ou seja, todos os sacerdotes religiosos, sacerdotes da extrema direita e da extrema esquerda, de toda forma segmentados nos agenciamentos que constituem a massa sujeita à submissão maquínica do capital. A máquina abstrata do dinheiro conjura o desejo molar, resultado político das entranhas do estado burguês, seja ele de qual perfil predominante, seja o democrático, totalitário, ditatorial, fascista, nazista, comunista, etc.

A pergunta que Miroslav faz é sobre a política e seus desdobramentos no direito e na economia como potências da modernidade questionando

6 Grifo do autor

o poder ineficaz do conceito filosófico de intersubjetividade, construção transcendente dos sujeitos, ou sujeito histórico, para rompimento da inércia moderna. No entanto, neste artigo, abordamos os centros de poder, o fascismo e o estado totalitário como Deleuze e Guattari tratam em sua obra *Mil Platôs*, volume 3, no capítulo 9 intitulado *Micropolítica e Segmentaridade* (2012a) sobre a continuidade da “dança” e das linhas subjetivantes em movimento na política. Miroslav, na obra *Comunidade da diferença* (2004) escreve sobre a potência da intersubjetividade política submissa ao Estado:

A política também irá confrontar a potência do ser com as várias formas do poder que se estabelecem no mundo moderno. Potência versus poder – essa ideia de Spinoza inspirou bastante o pensamento político. Assim se elaboram também as alternativas contra vários tipos de afirmação da superioridade do Estado, que podemos encontrar em Hobbes, Rousseau e Hegel (Milovic, 2004, p. 114).

Quero, neste artigo, não repassar as críticas aos filósofos da modernidade já realizada com profundo conhecimento por Miroslav em suas obras e, não obstante, fazer outra leitura para agregar a esta, focada neste mesmo problema sob a ótica da política e do desejo de acontecimentos em uma comunidade de sujeitos diferentes e singulares, com suas relações políticas agregadas a outros conceitos da metafísica da continuidade de Deleuze e Guattari, em uma semiótica perceptiva expressa na obra *Mil Platôs* (Adkins, 2023, p. 13).

A política na comunidade da diferença, conforme a filosofia política de Deleuze e Guattari e os conceitos que apresentam na obra *Mil Platôs*, especificamente o platô *Segmentaridade e Micropolítica* no capítulo 9 do volume 3 (2012a), é a principal referência para esse estudo (artigo). Esse platô analisa a micropolítica e a segmentaridade e como a política se manifesta na micro e na macro política em planos molares e moleculares, organizados e não organizados.

A política em nós

Observamos o mundo em movimento e em breves repousos, sempre em velocidades diferenciadas e movidas no *socius* pela política, sempre presente nos acontecimentos, provocando agenciamentos, impactando, induzindo, modelando, formando consistências (novas conexões de fluxos) em agenciamentos diversos, múltiplos, às vezes mantendo a inércia ou mudando em devires perceptíveis ou imperceptíveis, devires rizomáticos

que podem eventualmente desaguar em “novos possíveis” (Novos Mundos Possíveis – NMP) que territorializam, mas se esgotam, se desterritorializam, tornam-se intoleráveis ou tolerados pelas forças políticas das organizações molares, normativas, burocráticas, legais, econômicas, etc., conformadas em planos de organizações estriados⁷, sobrecodificados com registros conhecidos e habituais em uma continuidade inercial. Esta dança entre plano organizado e plano de consistência⁸ (plano não organizado, molecular) veremos adiante com mais detalhes.

Sentimos nas mais variadas vezes a impotência de influir nos rumos e nos sentidos desse mundo mutante, porém organizado. Nos habituamos a ele por forças diversas de nossos desejos promovidos pelo *socius* das leis, do Estado, da cidade, de máquinas de guerra, de máquinas de segurança pública, de um sentimento global predominante de servidão voluntária cooptado por máquinas de captura de desejos subjetivos diferentes.

A força de um corpo, ou de um coletivo de corpos, custa a se alinhar em planos de consistências devindo ressonâncias desejantes criativas capazes de mudanças na vida neste mundo habitual, conhecido e organizado para um NMP.

Temos em nosso *socius* a sociedade civil e a força da política, mas apenas ela como instrumento para mudanças, suportada em todas as faces por conhecimentos de filosofia política que pode potencializar o conhecimento dos processos a que estamos habituados. Resta-nos a filosofia para pensar a política nesse plano de imanência com toda a sua complexidade que esse desafio nos apresenta.

Diferenças em múltiplos segmentos

Nós estamos segmentarizados a todo momento e com opiniões diversas sobre um “caos de opiniões” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 237), resultado de cada duração e de cada indivíduo em contingências internas ao corpo e outras contingências externas e temporárias como resultados de educação, cultura, conhecimentos, práticas, idealismos,

7 Plano de organização estriado – O plano de organização estrutura, organiza e hierarquiza, por isso é estriado, ou seja, regrado, codificado e sobrecodificado, territorializado em registros organizados. (Deleuze; Guattari, 2012c).

8 Plano de consistência – Formado por processos de devires dinâmicos que interagem entre o molar e o molecular, porém prevalece o molecular, o devir entre o “EU” profundo e o “EU” superficial. O plano de consistência é onde as conexões de elementos heterogêneos se configuram formando agenciamentos e produzindo devires. (Deleuze; Guattari, 2011b).

ideologias, propagandas, marketings, localização, ou seja, agenciamentos diversos que agem no presente com toda a memória virtual, com resultados que podem, ou, não configurar ações políticas individuais ou coletivas com repercussões locais no *socius*. Ações coletivas podem desaguar em práticas institucionais e até com registros de força de lei, com sobrecodificações que territorializam e criam novos hábitos sociais.

Os movimentos subjetivos e a segmentaridade social expressam reconhecimentos nos rostos de todos os tipos humanos coletivamente, enquanto massa ou classe, e são expressões e conteúdos contingentes da política.

Somos segmentarizados por todos os lados e em todas as direções. O homem é um animal segmentário. A segmentaridade pertence a todos os estratos que nos compõem. Habitar, circular, trabalhar, brincar: o vivido é segmentarizado espacial e socialmente. A casa é segmentarizada conforme a destinação de seus cômodos; as ruas, conforme a ordem das cidades; as fábricas, conforme a natureza dos trabalhos e das operações. Somos segmentarizados binariamente, a partir de grandes oposições duais: as classes sociais, mas também os homens e as mulheres, os adultos e as crianças etc. (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 92).

As linhas de subjetivação são segmentadas em procedimentos ou processos (devires) que agem por intermédio de fluxos desejanter intensivos moleculares de máquinas abstratas e máquinas de ressonâncias. A produção de subjetividade é coletiva e diferenciada em cada segmento, em cada indivíduo.

Primitivos coletores, caçadores e civilizados

A segmentaridade sempre existiu pois, desde os selvagens primitivos, os caçadores coletores que faziam inscrições (tatuagens e perfurações) no corpo e na estética adicionando assessorios primitivos faziam dos seus corpos o registro da tribo. Isto diferenciava as tribos umas das outras em todos os planos como hábitos, costumes, rituais, sons, movimentos na floresta e savanas de outras tribos segmentadas em diferenças infinitas nas ações sobre a Terra, promovendo a formação da máquina social. “O problema do *socius*: codificar os fluxos. Não trocar, mas marcar, ser marcado.” (Deleuze; Guattari, 2011a, p. 188).

Da máquina social primitiva segmentada em linhas desejanter flexíveis e nômades que vagam em seus segmentos nos territórios lisos da Terra, os autores franceses introduzem o conceito de “estoque”, como fator

de transição para a sociedade civilizada. Diferentemente dos selvagens nômades que não tinham estoque, que viviam da coleta e da caça, os civilizados se apropriaram das comunidades nômades, introduziram o trabalho e a moeda em um sistema despótico e totalitário para a submissão, que no capitalismo se torna “trabalho voluntário” para produzir, proteger, registrar, acumular, trocar e circular o “estoque”.

Porque voltar aos primitivos, quando se trata de nossa vida? O fato é que a noção de segmentaridade foi construída pelos etnólogos para dar conta das sociedades ditas primitivas, sem aparelho de Estado central fixo, sem poder global nem instituições políticas especializadas. Os segmentos sociais (primitivos) têm nesse caso uma certa flexibilidade, de acordo com as tarefas e as situações, entre os dois polos extremos da fusão e da cisão; uma grande comunicabilidade entre heterogêneos, de modo que o ajustamento de um segmento a outro pode se fazer de múltiplas maneiras; uma construção local que impede que se possa determinar de antemão um domínio de base (econômico, político, jurídico, artístico); propriedades extrínsecas de situação ou de relações, irreduzíveis às propriedades intrínsecas de estrutura, uma atividade contínua que faz com que a segmentaridade não seja captável independentemente de uma segmentação em ato que opera por impulsos, desprendimentos, junções. A segmentaridade primitiva é, ao mesmo tempo, a de um código plurívoco, fundado nas linhagens, suas situações e suas relações variáveis e a de uma territorialidade itinerante, fundada em divisões locais emaranhadas. Os códigos e os territórios, as linhagens de clãs e as territorialidades tribais organizam um tecido de segmentaridade relativamente flexível (Deleuze; Guattari, 2011a, p. 93).

A codificação do *socius* no capitalismo deixa de estar no corpo dos componentes do clã primitivo para estar no registro, na escrita burocrática, no registro contábil do estoque e das linhas do direito, do cálculo utilitário e em todas as relações burocráticas que regem o plano molar estriado com linhas desejanter (estabilizantes) fixas e escritas, ou seja, linhas duras organizadas e sobrecodificadas para estabelecer a ganância pelo estoque como linhas duras para acumulação e exploração do trabalho. Acontece em todos os segmentos sociais, tendo a moeda como o plano estabelecido que amalgama todas as relações do *socius*, tendo sido criada para a arrecadação de impostos, para a acumulação do capital e exploração do trabalho, papel do Estado nação capitalista.

O sistema político moderno é um todo global, unificado e unificante, mas porque implica um conjunto de subsistemas justapostos, imbricados, ordenados, de modo que a análise das decisões revela

toda espécie de compartimentações e de processos parciais que não se prolongam uns nos outros sem defasagens ou deslocamentos. A tecnocracia procede por divisão do trabalho segmentário (inclusive na divisão internacional do trabalho). A burocracia só existe através de suas repartições e só funciona através de seus “deslocamentos de meta” e os “desfuncionamentos correspondentes (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 94).

Entre os selvagens e os civilizados, as diferenças, no tocante à segmentaridade é a relação entre a segmentaridade flexível (molecular) e a segmentaridade dura (molar), respectivamente, sendo uma aberta e outra fechada para composições, associações e construções criativas. Notem que mesmo a burocracia tem movimentos moleculares em seus deslocamentos e desfuncionamentos. A segmentaridade fechada é estabelecida no plano estriado da burocracia departamentalizada de onde escapam fluxos a todo momento, os quais devem estar controlados pelas regras fixas, duras e organizadas, enquanto que a segmentaridade flexível é imanente e acontece nos encontros criativos. São segmentaridades opostas que, todavia, se agregam, se opõem e se relacionam, pois na modernidade é a política que está atenta à dureza e maleabilidade dos segmentos a serem conflitados em que diferentes interesses e desejos estão em jogo.

A democracia ocidental, regrada pelo direito privado burguês, institui os três poderes como o executivo, legislativo e judiciário para fazer valer o plano molar da constituição, codificação maior de um Estado nação e, com essa divisão de poderes, a democracia busca evitar o totalitarismo, a ditadura e os Estados despóticos equilibrando os poderes.

Assim como a moeda, a política é o instrumento principal para relacionar, associar e contrapor os segmentos em produções desejantes para a inércia ou para a mudança, entretanto, é contingenciada pelos interesses e desejos dos diferentes segmentos que se apresentam no plano político do *socius*.

Rostos, rostidade, muro branco, buracos negros

O que a rostidade (rostos sociais) tem em relação à nossa segmentaridade? O que tem um rosto individual ou social? Para Deleuze e Guattari os rostos sociais e individuais são constituídos de significância e subjetivação. A significância é metaforicamente apresentada como um muro branco, aquele em que o *socius* vê, faz a leitura do indivíduo e o classifica. A subjetivação do indivíduo e sua singularidade são a consciência

escondida nos buracos negros que, fincados no muro branco, estão ligados às escolhas moleculares, às paixões e redundâncias. Escolhas são configuradas com buracos negros mesclados ao muro branco, sendo que um muro branco não existe sem os buracos negros.

Havíamos encontrado dois eixos: um de significância e outro de subjetivação. Eram duas semióticas bastante diferentes, ou mesmo dois estratos⁹. Mas a significância não existe sem um muro branco sobre o qual se inscreve seus signos e suas redundâncias. A subjetivação não existe sem um buraco negro onde aloja sua consciência, sua paixão, suas redundâncias (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 35-36).

Os indivíduos se comportam de duas maneiras: organizados no plano molar¹⁰ estriado, estável, com seu rosto profissional, de classe, rosto social, expresso no seu muro branco, que na organização inercial do plano molar garante reconhecimento, garante a sua existência vital, rosto burocrático (seu CPF, por exemplo), seu trabalho, sua veia consumista, seu *status quo*. O plano molecular¹¹ se constitui no plano das visões de clareza, moléculas, partículas emocionais ou micro medos e distorções provenientes dos buracos negros existentes no muro branco que podem tornar o molar intolerável, buscam flexibilizá-lo ou produzir linhas de fugas minoritárias ou que devêm majoritárias rompendo a inércia e promovendo mudanças. As linhas de fuga contêm perigos destacados por Deleuze e Guattari no plano político, a exemplo, o fascismo configurado odiosamente nos buracos negros como intolerantes do plano molar.

Buracos negros fascistas, carregados de ódios e pulsões de mortes aos diferentes segmentos, tal como também destacam a linha fixa molar a qual apresenta o perigo do totalitarismo fascista, com centros de poder

9 Estratos – Para Deleuze e Guattari são níveis de organização e codificação que territorializam fluxos e formam relações. Três tipos de estratos estão destacados na obra *Mil platôs Vol. 1* como estratos físicos, estratos orgânicos e estratos linguísticos. Cada estrato é um limiar com limites e capturas que se opõem a linhas de fuga que possuem como efeitos as desterritorializações em movimentos de criação e inovação. (Deleuze; Guattari, 2011b).

10 Molar – Deleuze usa esse termo no plano estético e político tendo como fonte a química. No senso estrito, “molar” é o agregado da matéria sem considerar as propriedades atômicas ou de movimento. Molar é compreendido como pertencer à massa, território, contingência, substância telúrica. Na sociedade, molar é o plano organizado do desejo, registrado nos corpos pela moral, pela religião e pelo Estado capitalista. A organização e controle dos desejos, conforme axiomas e axiomática capitalista, respectivamente, capturam os desejos em máquinas de consumo, máquinas sociais e impõem a sujeição social e a submissão maquínica, ou seja, a organização molar (Deleuze; Guattari, 2011b).

11 Molecular – Oposto ao molar. Conceito desenvolvido por Deleuze e Guattari (2011a), que provém desde Lucrecio. Não se pode ver as moléculas e Deleuze e Guattari utilizam esse conceito para os movimentos vibratórios, emocionais e fluxos intensos de subjetividades. Movimento intenso do corpo sem órgãos (Deleuze; Guattari, 2012a).

sobre o *socius* e os indivíduos; fascismo e totalitarismo são tratados em detalhes na obra *Mil platôs*. Veremos com mais detalhes esses perigos das linhas e fluxos mais à frente.

Direito como potência

A velocidade do direito em produzir leis adequadas à convivência segura e com qualidade de vida para todos tem a política produtora de direitos e o DNA de centros de poder para acompanhar ou servir de motor nesse processo de inércias e mudanças, de codificação e sobrecodificação do direito nos desdobramentos institucionais de Estado.

Nesse meio conflituoso de desejos e interesses coletivos que denominamos de luta política, as forças majoritárias (molares) contra as forças minoritárias (moleculares) necessitam ter cuidado para não cairmos na bipolaridade da filosofia clássica. Estas forças políticas, na infinidade das diferenças segmentárias, constroem os processos (devires) de mudanças ou de inércia no nosso plano de existência, ou melhor, em nossa imanência. A ressonância criada por máquinas abstratas, fluxos moleculares e máquinas de guerras¹² desaguam no direito e nas jurisprudências como potência para assegurar no plano molar a organização das leis necessárias para o convívio da comunidade da diferença.

Miroslav analisa pensadores como Hobbes, Rousseau, Locke, Hegel, Carl Schmitt, Bobbio, Agambem, etc. na relação entre o jus naturalismo, o direito romano, o idealismo e o contratualismo. Todavia, o que nos interessa aqui é a política e o sentido do direito conquistado pelos movimentos sociais segmentados, efeito da luta política das massas e das classes no arcabouço do direito burguês privado. Dessa forma, o direito é a potência de colocar no plano molar organizado as leis gestadas (jurisprudência) pelo movimento da luta política imanente.

Uma verdade além do espetáculo social. Além dos fragmentos. Só nesse poder último, nessa abertura ontológica, nessa nova visibilidade das subjetividades não podem aparecer novas identidades rígidas. O princípio constituinte “vem do vazio e constitui tudo”. É da dinâmica que reinventa as diferenças e não vive o passado do recado hegeliano.

12 Máquinas de Guerras – Têm origem nômade, são máquinas contra o Estado. O Estado se apropria das máquinas de guerras, porém são artificiais e passam a atuarem contra o Estado ou a se constituírem na guerra pela guerra. São agenciamentos fora do Estado, criam linhas de fugas que podem desterritorializar estruturas organizadas. Constituem-se de forças de resistência ou transformação. (Deleuze; Guattari, 2012c).

É o grito de que a história não acabou. É o recado da revolução permanente. Não existe a revolução que acabou. Poder constituinte como revolução permanente (Milovic, 2017, capa).

O movimento da massa e das classes produzem, de algum modo, a política e as leis. No trecho acima Miroslav comenta sobre o poder constituinte, de autoria de Antonio Negri, como o poder revolucionário que acontece e agencia as constituições, tendo como motor o poder constituinte, seu movimento pode inovar o direito ou manter a inércia.

A reivindicação de direitos para todos não parte da definição de uma identidade, mas da dissolução das identidades nos agenciamentos moleculares da multiplicidade. Não se trata de dizer “nós temos direitos a isto porque somos aquilo”, mas sim “nós temos direitos a isto para nos tornarmos uma outra coisa”. As novas lutas criam, deste modo, dispositivos, práticas, instituições que organizam a transversalidade entre o molecular e o molar e pretendem criar desvios, fazendo recortes no molar, a partir do molecular (Balconi, 2018, p. 143-144).

As minorias lutam por direitos e as mulheres, por exemplo, são do movimento que o autor cita para promover a luta por direitos para todos. As lutas minoritárias tendem a sobrecodificar o direito privado burguês, abrindo possibilidades de NMP. O direito tem a potência de quebrar inércias e moldar novos possíveis. A exemplo as conquistas das mulheres no mundo, como : direito a voto, a mesmo salário em cargos semelhantes, direitos a licenças maternidades, leis de proteção como a Maria da Penha no Brasil, combate ao patriarcalismo, etc.

Macropolítica ou micropolítica

Os movimentos e repousos compostos entre o molar e o molecular se processam no plano da imanência com diferentes velocidades e lentidões, de modo que as segmentaridades resultam, de acordo com os pensadores franceses, em linhas duras, linhas binárias ou linhas maleáveis, flexíveis ou círculos¹³ segmentados com raios molares/moleculares infinitamente variáveis ou, ainda, linhas de fuga. Eles fazem um jogo com a “more geometria” utilizando: linhas flexíveis ou duras, círculos, organizadas em planos molares, ou lisas moleculares em planos lisos para conceituar na

13 Círculos – Possuem linhas concêntricas, diversos raios de interações com segmentos, linhas subjetivantes e são referenciados pelo segmento centrado que emite fluxos intensivos que sofrem efeitos de linhas maleáveis, em distâncias diferentes, porém concêntricas e sujeitas a graus diferentes de intensidades moleculares (Deleuze; Guattari, 2012a).

metafísica da continuidade os movimentos das diferenças que dançam em devires.

Podemos resumir as principais diferenças entre a segmentaridade dura e a flexível. Sob o modo duro, a segmentaridade binária vale por si mesma e depende de grandes máquinas de binarização direta (homem-mulher, humano-animal, bom-mal, bonito-feio), enquanto que sob o outro modo as binaridades resultam de “multiplicidades com n dimensões. Em segundo lugar, a segmentaridade circular tende a devir concêntrica, isto é, ela faz coincidir todas as habitações num só centro, o que não para de se deslocar, mas permanece invariante em seus deslocamentos, remetendo a uma máquina de ressonância¹⁴. Enfim, a segmentaridade linear passa por uma máquina de sobrecodificação que constitui o espaço homogêneo more geométrico¹⁵ e traça segmentos determinados em sua substância, sua forma e suas correlações (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 97-98).

É no quinto capítulo do volume 2 da obra *Mil Platôs Vol. 2* (2011c), intitulado *Alguns regimes de signos* que Deleuze e Guattari conceituam segmentaridade e fazem distinção entre as linhas desejanças, subjetivantes, as linhas molares e moleculares e os círculos. Criam uma “semiótica perceptiva”, plena de movimentos, sem hierarquias ou estruturas reducionistas dos problemas filosóficos imanentes. É nessa movimentação ininterrupta que a política atua no entrelaçamento entre a macropolítica e a micropolítica.

Linhas duras, binárias, flexíveis, de fugas, círculos, linhas subjetivantes

A linha subjetivante é de desterritorialização relativa (em relação à linha dura molar ou binária) com o limite da linha de fuga de desterritorialização absoluta, em pulsão de morte e abolição total das outras linhas. A linha de fuga de abolição supera o limite e entra em outro limiar quando a linha dura subjetivante ou linha dura que captura o desejo

14 Máquina de ressonância – É o processo maquínico que conecta os fluxos heterogêneos, intensivos ou não, tem como resultados mudanças ou efeitos diferentes, atuando em agenciamentos heterogêneos ao conectar fluxos diversos que produzem efeitos em direcionamentos, sentidos e poder. (Deleuze; Guattari, 2011b).

15 More geométrico – Expressão usada por Espinoza, Deleuze e Guattari para designar as relações entre os conceitos metafísicos de continuidade com o rigor geométrico das relações axiomáticas entre as figuras. Outros filósofos também utilizaram esse termo como Leibniz e Reimann, sendo este último juntamente com a geometria Arquimediana. Influenciou Deleuze e Guattari com o conceito de espaço liso. (Deleuze; Guattari, 2012a)

se torna intolerável e é abandonada, trocada por uma linha de fuga. O destaque importante é a linha de subjetivação que possui os significantes e uma semiótica social, porém as linhas moleculares influem nesses significantes molares e mudam as subjetividades podendo romper a inércia e promover mudanças nas linhas duras, organizadas e subjetivantes.

A linha de subjetivação é segmentada em “procedimentos” ou “processos”. Cada ponto de segmentação marca uma transformação do objeto. Assim, enquanto um casal apaixonado pode escapar das camadas concêntricas (círculos) de interpretação que organizam um regime significante, o casal pode separar-se eventualmente ou iniciar uma família. Em qualquer um dos casos, uma nova subjetividade é criada e um novo segmento ou processo tem início. [...] Toda a sociedade é segmentada. Toda coisa é segmentada. A única questão para Deleuze e Guattari é a proporção entre os tipos de segmentação. Em última instância, seu objetivo é oferecer uma nova concepção do fascismo (Adkins, 2023, p. 136).

Em nossa subjetividade singular, todos temos buracos negros, esses ocorrem em cada muro branco (rostos) de nossa subjetividade social e tudo isso mostra a segmentação de cada subjetividade; esse devir é dinâmico, não é estático, tudo é movimento, por mais que queiramos ter uma visão molar, estática e inerte de cada um (subjetividade) com o único propósito de seguirmos em nossa zona de conforto sem notar as pulsões moleculares que nos acometem, nos adoecem, e fomenta, no capitalismo, uma enorme gama de medicamentos entorpecentes como exemplo o Rivotril, o Prozac, etc., e alimenta a acumulação da indústria farmacêutica mundial.

Intersubjetividade? ou linhas subjetivantes

Agregando à crítica que Miroslav faz aos filósofos da modernidade na obra *Comunidade da diferença*, (2004) para Deleuze e Guattari a subjetividade não é algo como Descartes diz no cogito, tampouco as relações do sujeito transcendente no mundo, como desenvolvido em Kant, ou o espírito hegeliano como o demiurgo do mundo e da história. Deleuze e Guattari rompem com esses conceitos: descontínuos, binários, sedentários, idealistas, fenomenológicos e clássicos por uma filosofia imanente, contínua, uma semiótica perceptiva. Eles demonstram as interrelações entre as linhas desejantes molares contingentes organizadas e as forças moleculares que escapam em linhas flexíveis, linhas de fugas ou circulares, todas subjetivantes, ou não, que todavia “processam” devires de mudanças na inércia molar em que tudo escapa, como as desterritorializações e

reterritorializações subjetivantes ou de relações de linhas moleculares entre sujeitos e objetos entre o *socius* e entre a massa.

Portanto, dada a organização dura (molar), o que escapa do molar e o que faz o molecular aflorar e flexibilizar essa linha dura, mudando para segmentos maleáveis, rompendo a inércia molar com mudanças ou criações para outros molares, ou a escapada radical em uma linha de fuga de desterritorialização absoluta (revolução), constatamos que todos os resultados devêm do movimento político.

A sociedade e os indivíduos são atravessados pela política e, ao mesmo tempo, em conflitos entre as segmentaridades expostas acima, em destaque as danças das segmentaridades molares e moleculares. Essas segmentaridades coexistem e migram umas nas outras, se compõem, se modificam, duram, escapam, configuram devires. Todavia, há sempre uma segmentaridade pressupondo a outra. A política, para Deleuze e Guattari, igualmente funciona nessa relação entre o molar e o molecular, com a macropolítica e a micropolítica, respectivamente, desterritorializando e reterritorializando direitos, a economia e o Estado. “Tudo é político, mas toda a política é ao mesmo tempo macropolítica e micropolítica” (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 99).

Macropolítica, micropolítica

As produções dos movimentos políticos se processam em devires com conteúdo e expressões compostas, agregadas, criadas, ativas, em acontecimentos, agenciamentos entre “macropolítica e micropolítica”, ou seja, a dança política molar e a política molecular. As linhas duras, as linhas flexíveis, as linhas de fuga e os círculos segmentados habituais se conflitam, se estinguem, se agregam e se criam nos limites do tolerável e do intolerável nos limites e limiars da política.

As linhas subjetivantes se contrapõem contra as concepções da filosofia tradicional, binária, descontínua. Deleuze e Guattari reafirmam a crítica da análise de Miroslav Milovic. Para eles, a multiplicidade de segmentos sociais, individuais e coletivos de acontecimentos e agenciamentos em mudanças imanentes, produzidos dos encontros e desencontros do molecular e do molar, produzem devires de desterritorializações e reterritorializações em que, apesar das mudanças e dos novos centros de poder, tudo devêm escapando.

Fluxos desejantes molares, em choque com fluxos moleculares, reconfigurados com potência de linhas flexíveis ou linhas de fuga ou círculos molares, quando expostos aos fluxos moleculares, devêm linhas flexíveis com novas percepções cognitivas, gestadas na micropolítica em dança contínua com a macropolítica. Essas concepções contradizem a subjetividade transcendental, binária e a intersubjetividade definida, molar da filosofia moderna. Ao contrário, afirmam os movimentos macropolíticos e micropolíticos da segmentaridade, compostos de linhas e fluxos desejantes, desterritorializando ou territorializando subjetividades em um devir político imanente.

A política na dimensão: molar e molecular

Para os autores franceses a política se configura continuamente com a “dança” das vertentes micropolítica e macropolítica. A macropolítica consiste em movimentos e em regras de Estado, democracia, congresso, governo, direito, instituições, etc. Estas entidades possuem alta ressonância social com alta adesão desejante, com fluxos desejantes capturados pela linha dura organizada e sobrecodificada em que se mitigam os medos e os micro medos fornecendo “estabilidade”, salários e rendas, forças conservadoras, moral, segurança ilusória e conforto psicológico.

Ou seja, dados os desejos coletivos capturados por máquinas de ressonância molares que proporcionam o sedentarismo (conformidade, zonas de conforto com aceitação de regras injustas ou irracionais do capitalismo), promovem ações conservadoras que agem em planos estriados e codificados que garantem a sobrevivência com seus desejos capturados e submissos voluntariamente, submetidos a qualquer custo vital em troca da única forma molar de sobrevivência atual e virtual aceita, melhor dizendo, o capitalismo.

Consideremos conjuntos do tipo percepção ou sentimentos: sua organização molar, sua segmentaridade dura, não impede todo um mundo de micropceptos inconscientes, de afectos inconscientes, de segmentações finas, que não captam ou não sentem as mesmas coisas, que distribuem de outro modo, que operam de outro modo. Uma micropolítica da percepção, da afecção, da conversa (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 99).

A micropolítica se dá em agenciamentos afetivos, em expressões de minorias, em encontros e desencontros no caos de opiniões (Deleuze; Guattari, 2010), em associações representativas de minorias, acontecimentos

formulados em ações populares e em conversas. O “caosmos” da micropolítica (nas diversas opiniões) possui, frequentemente, máquinas de baixa ressonância e podem, a partir de fluxos intensivos, raramente devirem de alta ressonância. As máquinas abstratas moleculares escapam, criam linhas flexíveis de desejos que inovam ou que se rebelam contra o intolerável, mesmo com baixa ressonância, dado que tanto o molar quanto o molecular possuem a mesma importância e a mesma grandeza em devires na dança política do molar com o molecular.

Não há prioridade de linha ou segmentação. Como veremos, também não há julgamento moral atrelado. Cada linha possui seus próprios benefícios e perigos. Deleuze e Guattari estão oferecendo uma concepção de duas coisas aqui: 1) a estabilidade e a mudança inerentes a todas as coisas; 2) as condições da novidade. Sua tese é que a linha molecular ocupa um lugar intermediário entre o molar e a linha de fuga, porque pode desviar-se para ambas as direções. Isto é, intensidades às vezes cruzam um limiar e devêm extensidades (molares) ou então devêm completamente desterritorializadas e escapam (linhas de fuga) (Adkins, 2023, p. 140).

Quanto aos afetos moleculares advindos das micro percepções e dos afetos diferenciados que devêm da massa molecular, denotamos como a luta micropolítica que produz a segmentaridade flexível poderá se sobrecodificar com a macropolítica às leis que organizam o plano molar duro. Isto é, a política como motor resultante da interação entre o molar e o molecular, entre a micropolítica e a macropolítica.

Fascismo, Estado Democrático de Direito, Estado totalitário

É dada aqui a importância da exposição sobre as linhas subjetivantes, expressas no muro branco povoado por buracos negros, assim como no extremo das linhas de fuga e de abolição, conceitos que Deleuze e Guattari nos brindam para entender o fascismo enquanto possível configuração molecular de insatisfações odiosas, individuais e frustrações sociais, facilmente expressas e registradas na história do fascismo e do nazismo. Recentemente, adquiriram alta ressonância em movimentos “proto-fascistas” da extrema direita no mundo e na extrema direita recente, próximas no Brasil, Estados Unidos da América e Argentina.

Se compreendidas, essas linhas de subjetivação em Deleuze e Guattari contrapõem a metafísica da subjetividade na modernidade, tal como Miroslav Milovic critica após Descartes com o cogito e seus

desdobramentos filosóficos posteriores. As linhas subjetivantes estão em movimentos e repousos em uma semiótica perceptiva nos muros brancos e reconhecidas socialmente, porém com os desconhecidos buracos negros de cada sujeito que podem formar fluxos moleculares ou linhas fascistas agregadas.

Atualmente, podemos enxergar fluxos moleculares fascistas no neoliberalismo como falsa liberdade que expressa: individualismo extremo, empreendedorismo enquanto forma individual competitiva de sobrevivência, propõe e controla alto desempenho máximo da gestão de si próprio, falso poder de se gerenciar, sem chefe, mas sem poder efetivo porque é controlado pela plataforma, pelos boletos, pelas despesas correntes, compromissos de custos do empreendimento, do trabalho e da família causando “stress”, “doença *burnout*” e “*brain rot*” em respostas aos algoritmos das plataformas. Estes são resultado da super exploração desmesurada e da vulnerabilidade social endêmica provocada pelo plano molar capitalista neoliberal.

Efetua pressões molares toleradas em limiares de linhas moleculares intoleráveis que desaguam em processos/fluxos moleculares expressando buracos negros com tendências fascistas. Ou seja, buracos de ódio dos governos (propõem o Estado mínimo neoliberal), ódio ao Estado Social de Direitos ao bem estar social, ódio pelos diferentes, pelas diferenças que assombram a existência individual e que, erroneamente interpretadas, possuem forte poder agregador e canceroso no tecido social.

Os microfascismos impedem as múltiplas realizações imanentes como satisfação, felicidade, alegria, solidariedade, qualidade de vida e dignidade e são acelerados por frustrações diversas de consumo, bem como frustrações de todos os níveis propagadas nas mensagens vendedoras do marketing insistente das mídias e das redes sociais, ou seja, agenciamentos virtuais de medos, violências, movimentos de milícias, gangues, justiceiros e assassinos misóginos contemporâneos.

No capítulo intitulado *1933: micropolítica e segmentaridade* da obra *Mil Platôs Vol. 3* (Deleuze e Guattari, 2012a), não só o fascismo é demonstrado, mas também o Estado totalitário. Este, ao contrário, possui centros de poderes molares e linhas duras centralizadoras e totalitárias. Essa oposição extrema no platô de fascismo e totalitarismo expõe a importância da existência do Estado Democrático de Direito e o perfil da social-democracia, que combina a democracia com respeito aos direitos fundamentais e a separação entre os poderes executivo, legislativo e

judiciário, que equilibram autoridades com centros de poderes diferenciados e interligados, mas sem deixar que o Estado caia em extremos, almejando equilíbrio político com instituições legitimadas pelo *socius*.

O perigo está no fascismo, no entanto, é fato que ele aflora dos buracos negros e em devires moleculares, com fluxos e linhas desejanter moleculares, com linhas de fugas perigosas, violentas, um verdadeiro câncer social. O fascismo opera radicalmente contra planos molares e sem centros de poderes duros como no totalitarismo em que aparece na autocracia, a face do déspota, ditador do Estado nação e, ao contrário, o fascismo é uma “potência micropolítica” de massa e cancerosa.

É uma potência micropolítica ou molecular que torna o fascismo perigoso, porque é um movimento de massa: um corpo canceroso mais do que um organismo totalitário. O cinema americano mostrou com frequência esses focos moleculares, fascismo de bando, de gangue, de seita, de família, da aldeia, de bairro, de carro e que não poupa ninguém. Não há senão o microfascismo para dar uma resposta à questão global: por que o desejo deseja sua própria repressão, como pode ele desejar sua repressão? É verdade que as massas não suportam passivamente o poder, elas tampouco “querem” ser reprimidas, numa espécie de histeria masoquista e tampouco estão enganadas por um engodo ideológico. Mas o desejo nunca é separável de agenciamentos complexos que passam necessariamente por níveis moleculares, microformações que moldam de antemão as posturas, as atitudes, as percepções, as antecipações, as semióticas etc. O desejo nunca é uma energia pulsional indiferenciada, mas resulta ele próprio de uma montagem elaborada, de um “engineering” de altas interações: toda uma segmentaridade flexível que trata de energias moleculares e determina eventualmente o desejo de já ser fascista. As organizações de esquerda não são as últimas a secretar seus microfascismos. É muito fácil ser antifascista no nível molar, sem ver o fascista que nós mesmos somos, que entretemos e nutrimos, que estimamos com moléculas pessoais e coletivas (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 101-102).

O movimento fascista é de massa, mas o estado totalitário, por outro lado, é composto de classes hierárquicas submetidas a uma ordem totalitária; o fascismo é molecular na sua natureza unindo buracos negros odiosos e de eliminação das diferenças que não estejam conformes à confraria de buracos negros com os mesmos fluxos moleculares odiosos, buracos com linhas desejanter de abolição do Estado, do diferente, incentivadores dos desejos de mortes e das linhas de fugas que no seu auge levam a sociedade, dado o movimento canceroso, à extinção pelas guerras.

Com efeito o totalitarismo é assunto de Estado: concerne essencialmente a relação do Estado como agenciamento localizado com a máquina abstrata de sobrecodificação que ele efetua. Mesmo quando se trata de uma ditadura militar, é um exército de Estado que toma o poder e que leva o Estado ao estágio totalitário, e não uma máquina de guerra. O totalitarismo é conservador por excelência. No fascismo, entretanto, trata-se de uma máquina de guerra. E quando o fascismo constrói para si um Estado totalitário não é mais no sentido de uma tomada de poder por um exército de Estado, mas, ao contrário, no sentido da apropriação do Estado por uma máquina de guerra. Uma estranha observação de Virilio nos dá a pista: no fascismo, o Estado é muito menos totalitário do que suicidário. Existe, no fascismo, um nihilismo realizado. É que diferentemente do Estado totalitário, que se esforça por colmatar todas as linhas de fuga possíveis, o fascismo se constrói sobre uma linha de fuga intensa, que ele transforma em linha de destruição e abolição puras (Deleuze, Guattari, 2012a, p. 123).

Perguntas que não calam e que têm sido uma fonte de reflexão imanente, fundada recentemente nos movimentos da extrema direita mundial e no Brasil são: Por que os buracos negros de ódio têm mais expressão do que os buracos negros de amor expressos pela solidariedade, afetos alegres coletivos? Por que o ódio se expressa a ponto de contaminar o Estado Democrático de Direito, com fluxos, máquinas de ressonância e de guerras fascistas e o amor não consegue? Por que, mesmo após as experiências do fascismo italiano e do nazismo o espectro fascista ainda ronda e perpassa moléculas de ódio e de combate ao Estado atual?

O neoliberalismo, como vimos, prega valores fascistas de individualismo, violência contra diferentes, racismo, misoginia, competição, submissos aos valores moleculares libertários (diminuição do Estado), rejeição das diferenças, etc. O fascismo, no entanto, tem o dever de fuga em conjurar Estado totalitário suicidário e máquina de guerra que apropria o Estado, enquanto o neoliberalismo tem o perfil profascista de Estado mínimo totalitário, porém forte para proteger o mercado e o capital financeiro, com forte força policial e militar para conter os “perdedores”, marginais e os vulneráveis alijados do mercado e garantir leis em favores mercantilistas, e financeiros ao capital. De algum modo, as insatisfações, os medos, as clarezas toleráveis e intoleráveis de nossa existência pode ser que estejam nas raízes da aceleração de moléculas fascistas que apoiam a extrema direita. A religião, a família conservadora, as forças policiais/militares estão sob dominância neoliberal, e traduzem em força eleitoral, com expressão

de ódio e não de amor, solidariedade, fraternidade e liberdade que não seja mercantil e financeira.

Massa e classes

Quais as naturezas de massa e classes? O que as definem em seus movimentos? Qual a relação de massas e classes com a macropolítica? E com a micropolítica? Estas questões são endereçadas por Deleuze e Guattari de modo a evidenciar os movimentos políticos de classes e massas.

As tentativas de distinguir massa e classe tendem efetivamente para esse limite: a noção de massa é uma noção molecular, procedendo por um tipo de segmentação irreduzível à segmentaridade molar de classe. No entanto as classes são efetivamente talhadas nas massas, elas as cristalizam. E as massas não param de vaziar, de escoar das classes (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 99).

As massas não estão organizadas em linhas duras, estão compostas por múltiplas linhas moleculares, de segmentos de classes, múltiplas diversidades que escoam, minorias que a compõem, microperceptos inconscientes, conversas, uma verdadeira micropolítica da percepção que pode mudar inércias molares com a micropolítica molecular, porém imprevisível nos movimentos, pois

[...] massa e classe não tem os mesmos controles nem a mesma dinâmica, ainda que o mesmo grupo seja afetado pelos dois signos. A burguesia como massa e como classe... Uma massa não tem como as outras massas as mesmas relações que a classe “correspondente” com as outras classes. Seguramente, não há menos relações de força e de violência de um lado do que de outro. Mas, precisamente, a mesma luta assume dois aspectos muito diferente, onde as vitórias e as derrotas não são as mesmas. Os movimentos de massa se precipitam e se revezam (ou se apagam por um longo momento, com longos torpores), mas saltam de uma classe a outra, passam por mutações, exalam ou emitem novos quanta¹⁶ que vêm modificar as relações de classe, questionar novamente as sobrecodificações e sua reterritorialização, fazer passar noutra lugar novas linhas de fuga (Deleuze, Guattari, 2012a, p. 111).

As naturezas de massa e classe são distintas, porém as máquinas funcionam com uma e outra. A massa pode produzir classes e classes podem produzir massas, são devires rizomáticos que conectam, produzem desvios molares e moleculares. Máquinas desejanter de fluxos e cortes, massas e

16 Quanta – Partículas infinitesimais, partículas sub moleculares que flexibilizam, alteram linhas e círculos.(Deleuze, Guattari, 2011b).

classes em velocidades e lentidões. Mecanismos molares que controlam o que escapa dos fluxos desejantes de massa e de classe com seus centros de poderes como o Estado e a burocracia. A política institucional e o direito estão afetados por massas e classes que conflitam, agregam e conjuram máquinas, fluxos, linhas e quanta.

Burocracia dura, burocracia flexível

Deleuze e Guattari conceituam a burocracia como uma segmentaridade dura, molar, com sessões, divisões, departamentos e regras fixas, centralizadas nesses departamentos, organizadas por classes de servidores, chefes e sacerdotes do Estado. Porém, ao mesmo tempo, há uma segmentaridade burocrática maleável, flexível e molecular com comunicação entre as instituições, entre os departamentos e entre as sessões numa perversão burocrática, uma criatividade ou inventividade contínuas que impactam e reescrevem as codificações mesmo contra os regulamentos administrativos promovidos pelas classes operantes.

É importante essa distinção das burocracias, dado que os autores franceses distinguem o totalitarismo, a centralização molar dos centros de poder e os movimentos moleculares dos buracos negros no fascismo enquanto opostos extremos caracterizados por movimentos molares e moleculares, macropolítica e micropolítica. Movimentos molares de classes sociais e moleculares de massas. Estes conceitos agregam as múltiplas faces do *socius* burocrático e as propensões psíquicas dos indivíduos, segmentações transversais que movimentam o fascismo associadas e contingentes com o totalitarismo.

Sem dúvida, o fascismo inventou o conceito de Estado totalitário, mas não há por que definir o fascismo por uma noção que ele próprio inventa: há Estados totalitários sem fascismo, do tipo estalinista ou do tipo ditadura militar. O conceito de Estado totalitário só vale para uma escala macropolítica, para uma segmentaridade dura e para um modo especial de totalização e centralização. Mas o fascismo é inseparável de focos moleculares, que pululam e saltam de um ponto a outro, em interação, antes de ressoarem todos juntos no Estado nacional socialista. Fascismo rural e fascismo da cidade ou de bairro, fascismo de esquerda e de direita, de casal, de família, de escola ou de repartição; cada fascismo se define por um microburaco negro, que vale por si mesmo e comunica com os outros, antes de ressoar num grande buraco negro central generalizado. Há fascismo quando uma máquina de

guerra se encontra instalada em cada buraco, em cada nicho (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 100-101).

Assim, como os devires de massa e classe e também o fascismo, o Estado Democrático de Direito e o totalitarismo têm os mesmos mecanismos que envolvem fluxos, linhas e quanta, possuindo durações de acordo com as intensidades expressas nas máquinas abstratas, máquinas de ressonâncias e máquinas de guerras com seus significantes e significados expressos na política.

Subjetividade e fascismo

Conforme Deleuze e Guattari (2012a), a subjetividade tem a significância social representada por um muro branco onde toda a rostidade (rostos) social (molar) e contendo as significâncias é reconhecida em cada sujeito. Porém, esse muro branco possui uma multiplicidade diferenciada e contém buracos negros moleculares, tanto criativos quanto de cunho fascista, de intolerância com as diferenças em todos os sentidos: no racismo, na xenofobia, na misoginia, homofobia, fobia a refugiados (emigrantes fragilizados, vulneráveis), pobres, vulneráveis, sem teto, sem terras e no plano macro contra outros Estados tornados inimigos pelo fascismo. Os buracos negros se constituem em todos e todas as diferentes subjetividades, dado que o microfacismo é alimentado no *socius* em ressonâncias que Deleuze e Guattari (2012a) consideram cancerosas e suicidárias no longo percurso fascista.

As linhas maleáveis moleculares, apesar de passarem a impressão de serem menores do que as linhas molares no muro branco, parecem linhas micros, de relevância menor. No entanto, as linhas possuem dimensões variáveis, proporcionais ou desproporcionais que se misturam, se separam, se agregam ou diminuem nos devires da dança molar e maleável molecular, em dimensões variadas e assimétricas com dimensões alternadas.

Evitaremos quatro erros que concernem essa segmentaridade maleável e molecular. O primeiro é axiológico e consistiria em acreditar que basta um pouco de flexibilidade para ser “melhor”. Mas o fascismo é tanto mais perigoso por seus microfacismos, e as segmentações finas são tão nocivos quanto os segmentos mais endurecidos. O segundo é psicológico, como se o molecular pertencesse ao domínio da imaginação e remetesse somente ao individual ou ao interindividual. Mas não há menos Real-Social numa linha do que na outra. Em terceiro lugar, as duas formas não se distinguem simplesmente pelas dimensões, como uma forma pequena e uma grande: e se é verdade

que o molecular opera no detalhe e passa por pequenos grupos, nem por isso ele é menos coextensivo a todo o campo social, tanto quanto a organização molar. Enfim, a diferença qualitativa das duas linhas não impede que elas se aticem ou se confirmem de modo que há sempre uma relação proporcional entre as duas, seja diretamente proporcional, seja inversamente proporcional. (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 102).

As gangues, os cartéis, os justiceiros com as próprias mãos e as ações sem leis constituem-se em movimentos fascistas que são alimentados expressivamente pelas mídias diárias na atualidade, principalmente pela filmografia norte americana, fomentando medos e conteúdos nos buracos negros. O perigo de ressonância dos buracos negros em uma máquina de ressonância mundial pode ser exemplificado por uma situação atual como o crescimento da extrema direita no mundo, fomentada por medos e fatos de iniquidades e misérias, aprofundados pela própria crise do liberalismo clássico e ascensão do neoliberalismo, que agudizam reações protofascistas na extrema direita (Guimarães, 2026).

Catástrofes climáticas e efeitos do neoliberalismo crescente nos fazem lembrar de como o fascismo e o social nacionalismo nazista cresceram. A extrema direita mundial se alimenta no neoliberalismo fomentador de buracos negros fascistas que expressam a frustração e o limiar de intolerância com o Estado Democrático de Direito, fato que constatamos, recentemente, no movimento da extrema direita no Brasil, que elegeu um governo entre 2018 a 2022. (Guimarães, 2026)

Quanta, fluxos, linhas – movimentos moleculares

As massas, por mais subjugadas que estiverem na organização molar, mais estarão propensas à molecularização de seus fluxos, linhas e círculos nas suas relações e em máquinas de ressonâncias que não deixam de emitir partículas em linhas e fluxos. Os autores Deleuze e Guattari (2012b) diferem as máquinas universais cósmicas e planetárias, das máquinas minoritárias, localizadas no socius. As máquinas que devêm com infinitas dimensões ou grandes abrangências possuem a tendência de devir diminutas, com agenciamentos de micro conteúdos e micro expressões, ou seja, partículas moleculares, sem potência de fluxos intensos para mudanças.

Quando a máquina devêm planetária ou cósmica, os agenciamentos têm uma tendência cada vez maior a se miniaturizar e a devir microagenciamentos. Segundo a fórmula de Gorz, o capitalismo mundial não tem mais como elemento de trabalho senão um indivíduo

molecular, ou molecularizado, isto é, de massa. A administração de uma grande segurança molar organizada tem por correlato toda uma microgestão de pequenos medos, toda uma insegurança molecular permanente, a tal ponto que a fórmula dos ministérios do interior poderia ser: uma macropolítica da sociedade para e por uma micropolítica de insegurança. No entanto o segundo caso é mais importante ainda, dado que os movimentos moleculares não vêm mais completar, mas contrariar e furar a grande organização mundial (Deleuze; Guattari, 2012b, p. 102-103).

O capitalismo moderno, com as tecnologias digitais, tem realizado mudanças que podemos categorizar como disruptivas. A axiomática capitalista é mais refinada e ubíqua; os fluxos e as linhas subjetivantes são mais aguçadas, propagadas ubiquamente e globalmente na palma das mãos. De uma sociedade disciplinar, passou a uma sociedade de controle (Deleuze, 2013, p. 213) com modelo panóptico digital que controla, por meio das redes mundiais de computadores, as cadeias de produção, vendas *online*, consumo *online*, empregos e atividades rentáveis, à moeda digital (cartões de crédito, *Bitcoins*, títulos, bolsas de valores, transações bancárias), *home-office*, reuniões *online*, controle de desempenho laboral e medições de jornada de trabalho, etc. tudo repleto de controles digitais.

O controle digital ocorre em toda a atividade social como as redes sociais e as redes empresariais digitais, individualizam os trabalhadores e têm fortes linhas segmentárias subjetivantes impulsionadas pelo controle, tanto sobre os dados que fornecemos como nossas localizações e preferências e, com isso, produz o devir de submissão maquínica, facilmente visualizada na maioria dos espaços públicos com os indivíduos de celulares nas mãos, mesmo estando em família ou entre amigos, interagindo virtualmente e raramente no momento atual ou presencial.

As mídias tradicionais e digitais promovem medos em diferentes escalas, desde a violência urbana, a violência política conservadora neoliberal, a violência global das guerras e os mecanismos globais de guerras como a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), por exemplo, e outros mecanismos como o Conselho de Segurança, insuficientes para a segurança do planeta, por sua vez organizado no âmbito da Organização das Nações Unidas (ONU).

A insegurança pública, com o aumento da violência criminal e policial, que estabelece atualmente uma das pautas principais nas eleições em todo mundo, é alimentada por buracos negros fascistas, de pequenos medos, de ódio pelo desconhecido e pelo diferente: ódio aos refugiados,

classes de xenofobia, racismo, homofobia, misoginia, etc. A massa requer mais polícia e mais violência em seu próprio lombo, alimentada pelos buracos negros de uma micropolítica de insegurança.

Quanto mais a máquina molar é universal, mais existem brechas, buracos e fluxos que quebram inércias e máquinas abstratas molares. Porém, possuem menores efeitos, dando vez aos buracos negros, seus conteúdos e expressões a se manifestarem no fascismo de massa ou de massa agrupada em segmentos de classes, expondo o perigo do fascismo ao impregnar linhas, moléculas, partículas e fluxos cancerosos que levam o *socius* a linhas de fuga suicidárias.

Do ponto de vista da micropolítica, uma sociedade se define por suas linhas de fuga, que são moleculares. Sempre vaza ou foge alguma coisa, que escapa às organizações binárias, ao aparelho de ressonância, à máquina de sobrecodificação: aquilo que se atribuía uma “evolução de costumes”, os jovens, as mulheres, os loucos etc. Maio de 68 na França era molecular, e suas condições ainda mais imperceptíveis do ponto de vista da macropolítica (Deleuze; Guattari, 2012b, p. 103).

Vemos facilmente movimentos moleculares recentes, como exemplo o movimento *Black Lives Matter* (BLM) – movimento que escapa do molar, pois resistiu às forças policiais e de repressão de Trump, se tornou (deveio) global rompendo fronteiras e chega a mais de 60 países. Na Europa, o movimento BLM inspirou debates sobre racismo e injustiça social. O BLM é reconhecido pela ONU e pela comissão do Prêmio Nobel, outorgando ao movimento o Prêmio Nobel da Paz em 2020.

Esse movimento começou nos Estados Unidos com a morte do preto George Floyd pela polícia americana. Hoje, o movimento extrapolou com a temática do racismo e tem defendido que todas as vidas importam. As vidas de animais, homossexuais, transsexuais, de mulheres contra o feminicídio, de gays, etc., enfim, todas as vidas importam: *all lives matter*. A partir desse exemplo, podemos mencionar outros, tal como o Antropoceno, defendido por cientistas e intelectuais gerando linhas e fluxos moleculares, sem registro molar nos órgãos geológicos internacionais. (Danowski, 2024)

O Antropoceno é negado no plano molar, surge o Tanatoceno como novo conceito posterior, por ultrapassar o limite de aquecimento climático dando lugar a tragédias terrestres atuais com catástrofes, aceleradas com guerras e genocídios frequentes, destruição urbana etc., que estão contaminando a macropolítica com movimentos moleculares e com partículas micropolíticas que rompem inércias e podem promover

mudanças em movimentos moleculares intensivos que aprendem com clareza o perigo no momento imanente o qual estamos vivendo.

Um fluxo molecular escapava, minúsculo no começo, depois aumentando em deixar de ser inassinalável. No entanto, o inverso é também verdadeiro: as fugas e os movimentos moleculares não seriam nada se não repassassem pelas organizações molares e não remanejassem seus segmentos, suas distribuições binárias de sexos, de classes, de partidos (Deleuze; Guattari, 2012b, p. 104).

A citação acima se refere a maio de 68, mas podemos, analogamente, trazer para o presente esses movimentos tais como o BLM e o aquecimento global. Maio de 68 foi um movimento internacional de mudanças radicais de costumes, visões, liberação das mulheres, mudanças dos hábitos sociais, ou seja, uma verdadeira quebra da inércia social com dissolução de partidos da esquerda, da direita e de novos usos e costumes que perduram até hoje.

Outro exemplo no Brasil é o conteúdo e a expressão ascendente da extrema direita, que em alta velocidade liberou os buracos negros negacionistas¹⁷, os buracos de fé, pátria e família com o lema “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, ou seja “Deus, Pátria e família”, propagadores de ódio aos diferentes, de cunho fascista. A dança entre molar e molecular crescente, inassimilável no início e com devéns imperceptíveis torna-se macros, as “partículas infinitesimais” que se movem do molecular para o molar e vice-versa, agenciam a macropolítica em dimensões equivalentes à micropolítica, porém de naturezas diferenciadas.

A questão é portanto, que o molar e o molecular não se distinguem somente pelo tamanho, escala ou dimensão, mas pela natureza do sistema de referência considerado. Talvez então seja preciso reservar as palavras “linha” e “segmentos” para a organização molar, e buscar outras palavras que convenham melhor à composição molecular. Com efeito, cada vez que se pode assinalar uma “linha de segmentos” bem determinados, percebe-se que ela se prolonga de uma outra forma, num fluxo de quanta. E a cada vez pode-se situar um “centro de poder” como estando na fronteira dos dois e defini-lo não por seu exercício absoluto num campo, mas pelas adaptações e conversões relativas que ele opera entre a linha e o fluxo (Deleuze, Guattari, 2012b, p. 104).

A filosofia da continuidade que os autores desenvolvem na semiótica perceptiva e que Adkins (2023) esclarece na sua obra conceitua o movimento nas velocidades e nas lentidões dos acontecimentos e dos decorrentes agenciamentos dos conceitos tais quais linha, fluxo e agora

17 Negacionismo: contra a ciência, negando a vacina na Covid 19, promovendo a imunidade de rebanho suicidária, assim como a crença de que a terra é plana.

“quanta”. Ou seja, da macropolítica e da micropolítica na comunidade da diferença no contexto que nos interessa enquanto meta ao estender a crítica de Milovic na modernidade, trazendo instrumentais conceituais criativos totalmente novos e não estruturados. Estes requerem a precisão utilizada por Deleuze e Guattari. Portanto, o fluxo existe quando capturado ou liberado de um espessamento de estrato¹⁸ significante, ocorrendo com intensidade, podendo ser molar ou molecular. Esse devir de conexões ou rompimentos de fluxos linhas, partículas heterogêneas, mudam estratos, formam novos hábitos, processam NMP na dança da micropolítica com a macropolítica.

Linhas são direcionamentos e sentidos que atravessam, conectam ou rompem com os fluxos, ou os tornam flexíveis ou os contradizem com a linha de fuga. Deleuze e Guattari (2012b) na citação acima, trazem mais um conceito: o “quanta”, ou seja, partículas infinitesimais que também agem nas linhas e fluxos, relacionam-se com variações múltiplas, diferentemente das que ocorrem nos extratos, partículas infinitesimais que podem influenciar a produção da subjetividade e da realidade.

Os autores destacam, como exemplo, a microsociologia “quântica” trabalhada na obra de Gabriel Tarde, em contraponto à sociologia molar de Durkheim, fundada em grandes representações coletivas (Deleuze; Guattari, 2012b, p. 107). Para exemplos desses movimentos os autores trazem, dado o fato da expressão global, o molar da economia e finanças na modernidade, exemplo da linha monetária que abrange todo o capital internacional e explica com esse instrumental o financismo internacional com o movimento da moeda, que não funciona sem fluxos moleculares e quanta.

Suponhamos uma linha monetária com segmentos. Tais segmentos podem ser determinados de diferentes pontos de vista – por exemplo, do ponto de vista de um orçamento de empresas: salários reais, lucros brutos, salários de direção (executivos), juros de capitais, reservas, investimentos... etc. Ora essa linha de moeda pagamento remete a todo um outro aspecto, isto é, a um fluxo de moeda-financiamento que não comporta mais segmentos, e sim polos, singularidades e quanta (os polos do fluxo são a criação e a destruição da moeda, as

18 Extratos – São extrações da realidade que organizam elementos múltiplos. Três extratos têm destaque: extrato físico – reações químicas ou físicas que sedimentam matérias, objetos, “*nous*” etc., têm como movimento a indução. Extrato Biológico tem espessamento genético nas espécies vivas ou interespecies; o movimento é transdução ou deriva genética. Extrato cultural ou linguístico, regime de signos, distinção entre palavras, signos e ilusões, tem como movimento a tradução.(Deleuze; Guattari, 2011a).

singularidades são as disponibilidades nominais, os quanta são inflação, deflação, estagflação etc... Foi possível falar a esse respeito de um “fluxo mutante, convulsivo, criador e circulatório”, vinculado ao desejo, sempre subjacente à linha sólida e aos segmentos que nele determinam o juro, a oferta e a demanda (Deleuze; Guattari, 2012b, p. 104).

Uma linha tem a representação de grandes conjuntos de segmentos e as crenças e desejos (ganhos de dinheiro, riquezas, juros, rentismo, etc.) são fluxos com efeitos de quanta, essas partículas infinitesimais se criam, se esgotam ou se modificam, se misturam em somas ou subtrações, ou mesmo podem se combinar. A moeda, as empresas e os bancos enquanto representações molares dançam com as crenças, desejos e fé com motores de ganância da axiomática capitalista, por um lado e, por outro, moléculas, quanta, máquinas abstratas, fluxos desejantes e linhas duras e de fuga, propondo mudanças da inercia capitalista, porém, controladas por centros de poder para não deixar que fluxos moleculares escapem do molar.

Eis como se poderia distinguir a linha de segmentos e o fluxo de quanta. Um fluxo mutante implica sempre algo que tende a escapar aos códigos não sendo, pois, capturado, e a evadir-se dos códigos, quando capturados; e os quanta são precisamente signos ou graus de desterritorialização no fluxo descodificado. Ao contrário, a linha dura implica uma sobrecodificação que substitui os códigos desgastados e os segmentos são como que reterritorializações na linha sobre codificante ou sobrecodificada (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 108).

Os indivíduos, na atualidade e em sua maioria, estão endividados (linha organizada molar de crédito/consumo), acreditam que podem mudar essa situação estando livres para trabalhar (linha molecular – desejos e crenças) e agir como capitalistas (desejo e crença capitalista, ou seja, se apropria de signos e fluxos de quanta com semiótica capitalista) sem resultados. Jogam em loterias (molar) com esperança de ganhar (molecular) ou acionam seus buracos negros de ódios (molecular) contra os diferentes que supostamente são contingências para sua ascensão capitalista, encontram outros na mesma situação e criam massas/classes fascistas. A extrema direita consegue com os axiomas neoliberais de individualismo uma falsa meritocracia, uma concorrência desleal, competitividade exaustiva, com o empreendedorismo do explorado, etc., modular quanta de sobre-exploração, máquinas de capturas bem estruturadas e aceleradas com as plataformas digitais das *big techs*, aprimorando a axiomática capitalista.

Centros de poder

Deleuze e Guattari (2012a), para expor o conceito que denominam “centros de poder”, ou seja, organizações molares que só existem para controle do que escapa, trazem como exemplo a balança de pagamentos, outro aspecto da economia e finanças para expressar fluxos. Segundo os autores, “os fluxos mais decompostos” que ocorrem na balança de pagamentos, possuem vários extratos: moedas diferentes, *comodities* diferenciadas, conversões financeiras, legislações locais e internacionais, credores e devedores diversos, operações compensatórias e autônomas, etc.

Numa balança de pagamentos, reencontramos uma segmentaridade binária, que distingue, por exemplo, operações ditas autônomas e operações ditas compensatórias; mas, precisamente, os movimentos de capitais não se deixam segmentarizar assim, porque são “os mais decompostos, em função de sua natureza, de sua duração, da personalidade do credor e do devedor”, de modo que “não se sabe mais onde colocar a linha” em relação a esse fluxo. Nem por isso deixa de haver uma perpétua correlação dos dois aspectos, pois é com a linearização e a segmentarização que um fluxo se esgota, e é delas também que parte uma nova criação. Quando se fala de um poder bancário, concentrado principalmente nos bancos centrais, trata-se justamente desse poder relativo que consiste em regular “tanto quanto possível” a comunicação, a conversão, a coadaptação das duas partes do circuito. É por isso que os centros de poder, se definem por aquilo que lhes escapa, pela sua impotência, muito mais do que por sua zona de potência (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 105).

Apesar da macroeconomia e a microeconomia estarem vinculadas à política com fluxos molares e moleculares, tanto econômicos como financeiros e legais, há na política o plano molar do capitalismo. Em movimento com fluxos moleculares, os autores conceituam esse movimento como axiomática capitalista. Os centros de poder capitalistas atuam sempre que escapam fluxos dos planos desejanter de estoques, combatem fluxos desejanter das lutas de classes que objetivam escapar dos planos molares organizados para a acumulação privada e para a sobre-exploração do trabalho, como exemplo o movimento sem-terra no Brasil, sindicatos e organizações trabalhistas, associações minoritárias do socius.

Os movimentos do capital produzem guerras entre Estados nações e a obra *Mil Platôs Vol. 3* (Deleuze; Guattari, 2012a) endereça movimentos das máquinas de guerras e os Estados nações civilizadas com atuações bárbaras, em pleno século XXI. O interesse de estoque (petróleo, gás,

territórios), produzem hoje fluxos intolerantes com efeitos em classes e massas. O interesse aqui é demonstrar o entrelaçamento entre fluxos, linhas, quanta e centros de poder relacionados à política e às múltiplas linhas de subjetivação que se sucedem na comunidade da diferença e como essa “dança” das linhas molares e moleculares influenciam a política das massas e das classes.

Conteúdo e expressão

A dinâmica de conteúdo e expressão atuam de modo interdependente, o conteúdo refere-se à matéria e a expressão à forma. Estes dois conceitos não existem isoladamente, a semiótica perceptiva nos faz, intuitivamente, visualizar que a matéria preenche a multiplicidade de conteúdo e a expressão é o modo de reconhecer as formas de conteúdos apresentadas na realidade. Conteúdo e expressão têm movimentos de desterritorialização e reterritorialização, ou seja, perdas de sentido de um (conteúdo), reterritorialização de outro (expressão) e vice-versa. Eles se conectam com agenciamentos que produzem realidades e subjetividades.

Para melhor elucidar, trazemos como exemplo a música: ela é conteúdo – emoção, mensagem, memória e estórias que emite sua expressão musical – ritmo, melodia, e harmonia, emitida pelos instrumentos que expressam o conteúdo. Conteúdo e expressão, no caso da música, fazem conexões que agenciam efeitos nos ouvintes tais como memórias, emoções, melancolias, etc. criando devires únicos, moleculares e molares.

Para Deleuze e Guattari, conteúdo e expressão, esses dois agenciamentos formam um único eixo horizontal. O eixo vertical que o cruza seriam as “circunstâncias” ou “variáveis” ou “graus de desterritorialização”. [...] Deleuze e Guattari chamam essa análise dos agenciamentos nos termos de seu conteúdo e expressão de “pragmática”. A pragmática não se satisfaz em lidar com a linguagem abstraída de sua interação complexa com corpos e circunstâncias. Fazer isso é interpretar equivocadamente não apenas a linguagem, mas também corpos e circunstâncias. Deleuze e Guattari continuam retornando à imagem da tecelagem para descrever a relação entre conteúdo e expressão aqui. O conteúdo é trama, e a expressão é urdidura. Conteúdo e expressão são entremeados em conjunto, mutuamente implicados uns nos outros (Adkins, 2023, p. 83-84).

Deleuze e Guattari fornecem outros exemplos de conteúdo e expressão, associados aos estratos físico, biológico e cultural. O importante a destacar é a interdependência de conteúdo e expressão na metafísica da

continuidade para compreender as diferenças que podem ser vistas na matéria e na forma, se a abordagem do conteúdo e da expressão forem distintas. Por exemplo, uma flor expressa por um poeta é diferente da flor expressa por um biólogo, ou seja, a matéria flor pode ter expressões diferentes e a flor pode ter conteúdos diferentes, pode estar murcha, ser de cores e aromas diferentes que podem ter efeitos sobre a expressão do poeta, ou do biólogo ou de quem observar a matéria e a forma da flor.

A independência da forma de expressão e da forma de conteúdo, não funda qualquer paralelismo entre as duas, tampouco qualquer representação de uma para a outra, mas o contrário, um esfacelamento das duas, uma maneira cujas expressões se inscrevem nos conteúdos, por meio da qual se salta sem cessar de um registro a outro, cujos signos trabalham as próprias coisas, ao mesmo tempo em que as coisas se estendem ou se desenvolvem através dos signos (Deleuze; Guattari, 2011a, p. 29).

As máquinas abstratas operam sobre conteúdos e expressões conectando elementos múltiplos, heterogêneos, sendo matéria (conteúdo) e forma (expressão). As máquinas abstratas produzem, nessa articulação entre conteúdo e expressão, agenciamentos e realidades perceptíveis em processos de desterritorializações e reterritorializações, atuam nos fluxos, linhas e círculos subjetivantes.

A importância desses conceitos na natureza da macropolítica e da micropolítica se dá nas percepções de realidades subjetivas e nas intenções e interesses propagados nas máquinas abstratas para resultarem em devires de interesse político, em devires subjetivantes.

Máquinas de guerras, máquinas abstratas, máquinas de ressonâncias

Para completar esse arcabouço conceitual, tão necessário para esse estudo, é importante mencionar os conceitos de máquinas desejantes, máquinas de guerra e máquinas de guerra abstratas. O conceito de máquina aparece na obra *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia I* (2011a) e é um processo maquínico do desejo que acontece coletivamente, de modo intensivo de fluxos desejantes. Para Deleuze e Guattari (2011a) o desejo produz realidade, não é falta como indica Lacan, não é sublimado pelo Complexo de Édipo proposto por Freud. A produção desejante tem fluxos e cortes e se processa com e em máquinas.

Em quê as máquinas desejanter são verdadeiramente máquinas, independentemente de toda metáfora? Uma máquina se define como um sistema de cortes. Não se trata de modo algum do corte considerado como separação da realidade; os cortes operam em dimensões variáveis segundo a característica considerada. Toda máquina está, em primeiro lugar, em relação com um fluxo material contínuo que ela corta. Funciona como uma máquina de cortar presunto: os cortes operam extrações sobre o fluxo associativo (Deleuze; Guattari, 2011a, p. 54).

As máquinas desejanter produzem fluxos e cortes, acontecem na política com agenciamentos molares e moleculares, macropolítica e micropolítica, respectivamente. Para melhor compreendermos esse movimento, os conceitos de linhas duras binárias e molares, linhas flexíveis moleculares e de fuga e círculos duros e maleáveis, conteúdo e expressão, todo este conjunto no movimento de inércia e mudanças produz linhas subjetivantes que atuam na massa, nas classes e nas relações políticas, tanto na macropolítica como na micropolítica.

Os movimentos e repousos dessas linhas, em múltiplas velocidades e lentidões, orquestram e dão ritmos aos movimentos políticos nas organizações humanas civilizadas. As máquinas de guerra, conforme os autores franceses, são uma invenção nômade para conjurar o Estado e evitar a captura nômade pela organização do plano estriado e sedentário, da instituição do Estado.

Axioma II: a máquina de guerra é a invenção dos nômades (por ser exterior ao aparelho de Estado e distinta da instituição militar) A esse título, a máquina de guerra nômade tem três aspectos: um aspecto espacial-geográfico, um aspecto aritmético ou algébrico, um aspecto afetivo. Proposição V A existência nômade efetua necessariamente as condições da máquina de guerra no espaço (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 53).

O Estado se apropria da máquina de guerra nômade com a constituição da ordem militar e traz os altos riscos da máquina de guerra para se converterem na própria guerra, queira ser externa ou interna, fato que, diferentemente dos nômades, o Estado não precisa conjurar contra sua captura e sua perda de liberdade de ir e vir no território, ele é o território. Não obstante, o Estado tem fluxos desejanter de expansão, ou seja, tem o desejo imperialista para a conquista por novos estoques de terras, mais recursos (trabalho adicional, petróleo, gás, terras raras, minérios, água, energia, etc.), bem como a defesa do seu território e de seus estoques. Possuem a finalidade de codificação (registro) do estoque, da terra e dos recursos naturais para controle da propriedade privada que,

hegemonicamente a classe burguesa tem dominado se apropriando dos Estados, da produção do direito privado e da prevalência eleitoral da classe burguesa dominante. Mesmo com partidos de esquerda no poder, a macropolítica e a macroeconomia estão dominadas por ela.

A macropolítica internacional e nacional mantém a ordem militar para a guerra e não para evitar perder a liberdade nômade capturada pelos fluxos desejantes de estoques da classe burguesa dominante. O Estado se apropria da máquina de guerra e pode se tornar a própria máquina de guerra com as forças militares que fazem parte do Estado, e passam a dominá-lo.

Máquina abstrata

A máquina abstrata trabalha nos estratos para estes realizarem ou romperem conexões, ela depende do estrato físico, do orgânico ou cultural. Para nosso estudo nos interessa o estrato “cultural ou linguístico” de onde os efeitos macropolíticos e micropolíticos conectam ou rompem com esse extrato. As máquinas abstratas operam no plano de consistência conectando e articulando fluxos e linhas heterogêneas. Os seus elementos são conteúdos e expressões que conectam conteúdo (matéria) e expressão (forma); seus efeitos são agenciamentos em novas realidades, novas conexões e sentidos desterritorializando e reterritorializando matéria e forma.

Para bem entender o que distingue os estratos (estratos: físico, orgânico e cultural), é preciso introduzir outro termo: “máquina abstrata”. Estratos podem ser distintos uns dos outros porque suas máquinas abstratas diferem. O estrato físico difere do estrato orgânico, precisamente porque cada estrato possui uma máquina abstrata distinta. Uma máquina abstrata não é senão o processo de dupla articulação. Assim uma máquina abstrata não é o mesmo que um estrato, mas está “presa ao estrato”. Uma máquina abstrata também não é o mesmo que um agenciamento, embora ambos operem maquinamente (isto é, fazendo e rompendo conexões). Uma máquina abstrata não transcende nem precede o estrato em que está alojada, sendo antes constituída por ele. Para formular essas afirmações no vocabulário de Deleuze e Guattari. Estrato, Agenciamento, e Máquina abstrata coexistem todos no mesmo plano de consistência (Adkins, 2023, p. 58).

A máquina abstrata cultural, linguística, macropolítica e micropolítica é dependente desses extratos e substratos, uma vez que eles determinam devires políticos em uma dança molecular com o molar, em movimentos e velocidades múltiplas. Os movimentos extensivos e as

velocidades intensivas traduzem o movimento de um corpo ao percorrer uma distância e a velocidade traduz o turbilhão molecular, atômico e quanta em um efeito absoluto do corpo. Pode surgir em qualquer ponto do espaço liso com intensidades e durações diversas, esse movimento e velocidade são motores políticos acionados por máquinas abstratas com produção de linhas subjetivantes de mudanças ou de inércia da política de Estado. (Deleuze; Guattari, 2012a).

Em síntese: as máquinas de guerras são agenciamentos que modificam as linhas e os fluxos, quer molares ou moleculares, criam linhas de fugas que desterritorializam e territorializam em movimentos de mudanças da inércia molar provocando devires de resistências ou transformação de organizações molares. Máquinas abstratas conectam elementos múltiplos e diferenciados que podem produzir realidades diferenciadas em todos os estratos. Máquinas de ressonância são agenciamentos intensivos que modulam fluxos com efeitos de ressonância e conexões, atuam na inovação de realidades e de novas ou outras subjetividades.

Plano de consistência

O plano de consistência ou plano de imanência vem a ser a máquina abstrata conectada intensivamente cujo efeito é o plano de conteúdo e forma molecular. O plano de consistência emite e combina signos e signos-partículas operando em níveis moleculares, emitindo e combinando os eventos moleculares para produzir e processar signos em desterritorializações intensivas.

O plano tem como motor máquinas abstratas que conectam multiplicidades heterogêneas desterritorializadas com intensidades perceptíveis ou imperceptíveis que determinam os efeitos (agenciamentos) políticos.

Miroslav, quando questiona a intersubjetividade como definidora da metafísica na modernidade tem em sua crítica que não é a intersubjetividade ou o sujeito ou o espírito transcendente histórico e sim o sujeito singular na comunidade da diferença e as dificuldades dessa segmentação. Isto recoloca o problema da metafísica na filosofia da diferença, rompendo com a bipolaridade da metafísica da presença, estruturalista do ser e do vir-a-ser, da binaridade do bem e do mal, do certo e do errado, do eu e do outro, do ser e o nada (não-ser). A política na filosofia da diferença é o instrumento

com a potência do movimento e da velocidade do sentido das inércias e das mudanças, preconizadas por Miroslav.

O plano de consistência é a abolição de qualquer metáfora, tudo o que consiste é Real. São elétrons em pessoa, buracos negros verdadeiros, organitos em realidade, sequências de signos autênticos. Só que eles são arrancados dos seus estratos, desestratificados, descodificados, desterritorializados, e é isso que permite sua vizinhança e sua mútua penetração no plano de consistência. Uma dança muda. O plano de consistência ignora as diferenças de nível, as ordens de grandeza, e as substâncias formadas, que só existem pelos estratos e em relação aos estratos. (Deleuze; Guattari, 2012c, p. 110).

A dança imanente cósmica se processa em devires rizomáticos com as diversas forças atuantes, com intensidades tanto molares quanto moleculares e tem durações variadas de territorializações e desterritorializações, com o plano de consistência de corpos sem órgãos. Estes estão sujeitos a máquinas abstratas, à produção de agenciamentos que desagüam em linhas subjetivantes como um caleidoscópio, porém com centros de poder atentos, vigilantes ao que escapa e ao que escoia para manter, no caso da Terra, a inércia capitalista.

Faz-se necessário ter um poder atento para não deixar que nada impeça a acumulação, a propriedade privada da Terra e a sobre-exploração do trabalho em benefício da classe burguesa, há mais de um século no poder e na atualidade com efeitos de morte no Tanatoceno, motivado pela ganância e pela intolerância às diferenças que ameaçam a inércia.

O plano de consistência, ou planômeno¹⁹, não é de modo algum um conjunto diferenciado de matérias não formadas, tampouco um caos de quaisquer matérias formadas. É bem verdade que no plano de consistência não mais existam formas nem substâncias, não mais existe conteúdo nem expressão, nem mesmo desterritorializações relativas e respectivas. Mas sob as formas e as substâncias de estratos, o plano de consistência (ou máquina abstrata) constrói contínuos de intensidade: cria uma continuidade para intensidades que extrai de formas e substâncias distintas. Sob os conteúdos e as expressões, o plano de consistência (ou a máquina abstrata) emite e combina signos-partículas (partigos²⁰) que fazem o signo mais significante funcionar na

19 Planômeno – Plan omênio, do francês: planomène – o mesmo que um plano de consistência ou campo de imanência em que se movimentam elementos, se conectam e relacionam com intensidades variáveis em devires com uma dinâmica rizomática de diferentes (Deleuze; Guattari, 2012a).

20 Partigos – Signos-partículas – partículas relativas a signos – opera no nível molecular. São movimentos de emissões de signos-partículas que produzem intensidades desterritorializadas de signos mais significantes. Ou seja, são partículas de signos que intensificam significantes de

partícula mais desterritorializada. Sob os movimentos relativos, o plano de consistência (ou máquina abstrata) opera conjunções de fluxos de desterritorialização que transformam os indícios respectivos em valores absolutos (Deleuze; Guattari, 2011a, p. 110-111).

Em comparação com o universo cósmico, os movimentos e velocidades dos astros e das explosões das formações de buracos negros possuem um plano de consistência que age no plano energético das partículas, átomos e quanta que a ciência reconhece no plano molar atribuindo nomes técnicos organizados: astros, estrelas amarelas, vermelhas, buracos negros, descrições de movimentos, efeitos e estratos do corpo astral no cosmos e das localizações e distâncias.

Todavia, no plano molecular os devires signos-partículas definidos pela ciência são imperceptíveis ou quase não percebidos por nós. Explosões cósmicas acontecem, agenciam outros corpos celestes, partículas, eventos cósmicos formam buracos de energias, novos espaços e novas relações espaço/tempo. Analogamente, acontecem no *socius* os mesmos movimentos e velocidades com as subjetividades em danças entre molar e molecular em relação à política, com seus agenciamentos macros e micros de significações, signos e signos-partículas fornecendo a potência necessária para a inércia ou mudanças de Estado e globais. Contudo, esses devires políticos gestados nesses movimentos e velocidades dependem do plano molar que capturam desejos, mesmo com as linhas maleáveis ou de fugas divergentes que agem na micropolítica.

Contínuos de intensidades, emissão combinada de partigos, ou de partículas signo, conjunção de fluxos desterritorializados, são estes ao contrário, os três fatores próprios ao plano de consistência, operadas pela máquina abstrata e constituindo a desestratificação. [...] A máquina abstrata não é uma máquina qualquer, as continuidades, as emissões e combinações, as conjugações não se fazem de qualquer maneira. [...] A máquina abstrata tem estados diferentes simultâneos que dão conta da complexidade do que se passa no plano de consistência, mas, além disso ela não deve ser confundida com o que chamamos de agenciamentos maquinico concreto. A máquina abstrata ora se desenvolve no plano de consistência cujos contínuos, emissões e conjugações constrói, ora permanece envolvida num estrato do qual ela define a unidade de composição e a força de atração ou prensão (Deleuze; Guattari, 2011a; p. 111).

Esse movimento e as velocidades nos estratos sociais, fomentados por máquinas abstratas, dão conta da realidade do plano de consistência

e determinam o sentido da política. Seus agenciamentos abstratos conectam e desconectam significantes, signos, signos-partículas no plano de consistência, formam substratos, paraestratos e sobreestratos e devêm forças nas lutas políticas para manutenção ou mudanças no *socius*. Possui a potência de unificação ou força de atração no estrato do qual ela depende e coesiona.

Agenciamentos maquínicos

A filosofia de Deleuze e Guattari é também a filosofia do acontecimento (Zourabichvili, 2016) tendo em conta que acontecimentos ora geram agenciamentos múltiplos e moleculares, em princípio e, dependendo dos devires, também molares, efeitos das danças de sentidos políticos determinados por signos, signos-partículas, planos molares, planos de consistência e suas máquinas entre fluxos subjetivantes. O agenciamento maquínico não se confunde com máquina abstrata ou com plano de consistência, o agenciamento maquínico opera nas contradições atuando nas coadaptações necessárias de conteúdo e expressão que asseguram correlações entre segmentos de um mesmo estrato ou de estratos diferentes.

As adaptações de conteúdo e expressão (matéria e forma) são expressas em substratos ou paraestratos. O agenciamento opera em divisões de estratos e em epistratos fazendo as conexões necessárias, atuando no plano de consistência e efetuando a máquina abstrata nas relações de cada estrato e entre eles, uma vez que, sem ele, não é possível fazer a relação entre dois estratos.

O agenciamento maquínico é completamente diferente (da máquina abstrata), se bem que em estreita relação: primeiro ele opera as coadaptações de conteúdo e expressão num estrato, assegura as correlações biunívocas entre segmentos de ambos, pilota as divisões do estrato em epistratos²¹ e paraestratos; depois de um estrato a outro, assegura a relação com o que é substrato e as correspondentes mudanças de organização, finalmente, ele é voltado para o plano de consistência porque efetua necessariamente a máquina abstrata em tal

21 Epistratos e paraestratos – Epistrato é a camada externa de um agenciamento em contato com o meio externo – o paraestrato e o meio externo em contato com um agenciamento. A diferença importante que Deleuze e Guattari estabelecem aqui é entre a forma e a matéria. A codificação e a descodificação se relacionam com a forma, enquanto a desterritorialização e a reterritorialização se relacionam com a matéria e, por conseguinte, tanto o conteúdo quanto a expressão apresentarão (des)codificação e (des)/(re) territorialização (Adkins, 2023).

ou qual estrato, entre os estratos e na relação destes com o plano. [...] É preciso um agenciamento para que se faça a relação entre dois estratos (Deleuze; Guattari, 2011a, p. 111-112).

Qual a relação do agenciamento maquínico com a política? Ele produz as conexões com as adaptações necessárias para as relações do estrato com as máquinas abstratas e com o plano de consistência. Portanto, a micropolítica depende dos agenciamentos maquínicos para aumentar a potência de mudanças no plano molar. Nunca é possível o plano molar “reinar” absolutamente, o reinado é relativo e depende da potência molecular expressa nas forças de agenciamento maquínicos e nas referências dos movimentos maquínicos abstratos no plano de consistência.

Sob todos os pontos de vista, os agenciamentos maquínicos efetuam a máquina abstrata tal como ela é desenvolvida no plano de consistência ou envolvida num estrato. E não haverá problema mais importante que este: considerando-se um agenciamento maquínico, qual é sua relação de efetuação com a máquina abstrata? De que modo ele efetua essa relação, com qual adequação? Classificar agenciamento. O que chamamos mecanosfera é o conjunto das máquinas abstratas e agenciamentos maquínicos, ao mesmo tempo, fora dos estratos, nos estratos e interestráticos. O sistema de estratos, portanto, nada tinha a ver com significante-significado, nem com infraestrutura superestrutura, nem com matéria e espírito. Tais oposições eram maneiras de reduzir a um todos os estratos, ou então de fechar o sistema sobre si, isolando-o do plano de consistência como desestratificação (Deleuze; Guattari, 2011a, p. 112).

A política e a metafísica não são apenas o movimento das intersubjetividades ou dos sujeitos em transcendências no mundo, são um complexo movimento imanente com forças intensivas que os filósofos franceses deram nomes (conteúdo) e formas (expressão) em conceitos com todas as relações entre eles e o cosmos para a criação da filosofia contínua da diferença. É a filosofia da continuidade concreta e imanente que só é capaz de ser compreendida por uma semiótica perceptiva ao utilizarmos a nossa intuição para discernir se todo esse instrumental filosófico extrapola a modernidade e acende luzes para a filosofia (da comunidade) da diferença. Extrapolando a análise de Miroslav e, concordando com ele na questão da modernidade em que matéria, espírito, idealismo e fenomenologia são insuficientes para o conhecimento epistêmico da política na comunidade da diferença.

Tudo é política

Tudo o que queremos é demonstrar que a metafísica de Deleuze e Guattari ensejam forte fundamento da política e unem uma filosofia da continuidade e da diferença com psicanálise, ou melhor, esquizoanálise em devires de linhas duras (Estado, capitalismo, burocracia, massas e classes), tudo segmentarizado, em “danças” entre linhas flexíveis e círculos, entremeando macropolítica com a micropolítica. Assim, é dado que a subjetividade está em constante movimento e lentidão, dependente de linhas subjetivantes coletivas e individuais, conformando massas e classes que se relacionam na política de modo molar e molecular, na macropolítica e na micropolítica. O movimento em nossa imanência e em devires múltiplos confirma a pesquisa de Miroslav nas críticas e relações entre política e metafísica na obra *Comunidade da diferença* (2004), levantadas por ele. Todavia, abordamos aqui com uma outra linha filosófica da diferença, a da continuidade, sem reificar a tradição. Compreendemos que todo o movimento exposto até aqui acontece facilmente percebido no plano organizado e com maior dificuldade no plano de consistência (plano intuitivo), no entanto as duas naturezas de percepções são importantes para conhecer a política na metafísica de fluxos, linhas, quanta e máquinas desejanças da obra *Mil Platôs* (2011b, 2011c, 2012a, 2012b, 2012c).

A segmentaridade nos remete aos rostos e à rostidade representada por um muro branco e buracos negros da subjetividade, sendo esse conjunto uma heciedade, uma singularidade colocada em múltiplos segmentos. Todos diferentes e singulares, efeito das diversas durações, latitudes e longitudes²² dos sujeitos, uma verdadeira cartografia da subjetividade, submetida a múltiplas máquinas molares e moleculares com os motores da macropolítica e da micropolítica em efeitos de inercia e mudanças. Mostramos que, apesar de sujeitos singulares, existem estratos, máquinas abstratas, moléculas, quanta, ou seja, partículas que produzem superstições, crenças e desejos; tudo pode desaguar, ou não, em políticas tanto para manter a inércia como para rompê-la. Com relação à singularidade, latitude e longitude,

22 Longitude e latitude – da cartografia – são para os autores coordenadas de intensidades, afetos e movimentos e velocidades. Longitude está associada às conexões, às relações dos sujeitos, às velocidades dessas conexões entre indivíduos e entre elementos. A Latitude é relativa ao grau de intensidades, potência de um corpo em afetar e ser afetado, tem origem em Espinoza. (Deleuze; Guattari, 2012b)

Lembranças de uma Hecceidade²³. Um corpo não se define pela forma que o determina, nem como uma substância ou sujeito determinados, nem pelos órgãos que possui ou pelas funções que exerce. No plano de consistência, um corpo se define somente por uma longitude e uma latitude: isto é, pelo conjunto dos elementos materiais que lhe pertencem sob tais relações de movimento e de repouso, de velocidade e de lentidão (longitude); pelo conjunto dos afectos intensivos de que ele é capaz sob tal poder ou grau de potência (latitude). Somente afectos e movimentos locais, velocidades diferenciais. Coube a Espinosa ter destacado essas duas dimensões do Corpo e de ter definido o plano de Natureza como longitude e latitude puras. Latitude e longitude são os dois elementos de uma cartografia (Deleuze; Guattari, 2012b, p. 49).

Cada elemento do universo, matéria ou mente (espírito), exerce ou se submete ao poder de afetar e ser afetado, (Viva Espinoza) e é este poder nas relações que afloram devires, ou tornam-se perceptíveis, ou não, em instantâneos imobilizados em curtas durações ou durações temporais indefinidas, sendo assim no Universo (Cosmos como natureza, naturante) e também na sociedade política. Podemos dizer que, na política, a longitude é o desenvolvimento do Estado, seu *status* de conexões, seus movimentos, suas tensões e afectos sobre as latitudes subjetivas singulares.

Trocando de expressão linguística com o mesmo conteúdo, o desenvolvimento do Estado enquanto democrático, ou totalitário ou fascista e suas conexões e velocidades afetam os sujeitos em suas latitudes intensivas e em tensões percebidas pela macropolítica e pela micropolítica. É este poder de afetar e ser afetado em longitudes sociais que em movimentos e velocidades devêm a política, afetando o que Deleuze chama de latitude (intensidade e potência do indivíduo afetar e ser afetado), ou seja, a potência do sujeito percebida na práxis de sua duração, a individuação do elemento, sua hecceidade e potência política.

Há um modo de individuação muito diferente daquele de uma pessoa, um sujeito, uma coisa ou uma substância. Nós lhe reservamos o nome de “hecceidade”. Uma estação, um inverno, um verão, uma hora, uma data têm uma individualidade perfeita, à qual não falta nada, embora ela não se confunda com a individualidade de uma coisa ou de um sujeito. São hecceidades, no sentido de que tudo aí é relação de

23 Hecceidade – *Haecceitas* em latim – significa a individuação – o que torna uma coisa singular torna um indivíduo único, sem outro igual. Conceito introduzido por Duns Escoto, com a função de distinguir um indivíduo da mesma espécie e de outra (Deleuze; Guattari, 2012b).

movimento e de repouso entre moléculas ou partículas, poder de afetar e ser afetado (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 49).

Esses conceitos reforçam e estão relacionados aos conceitos associados aos movimentos de fluxos, linhas, quanta e máquinas abstratas, ou seja, a mecanosfera²⁴ que efetua a segmentaridade, a subjetividade, a diferença de rostos sociais, coletivos (muros brancos reconhecidos no *socius* no plano organizado das classes) e os buracos negros de cada heciedade conjugada com o rosto social. A dança da macropolítica com a micropolítica, os movimentos entre o molar e o molecular são os que efetuem o devir político com os motores da mecanosfera e são as linhas subjetivantes que produzem as longitudes e latitudes dos elementos. Esta metafísica da continuidade (ou filosofia da continuidade como temos tratado, destacando-a de outras denominações filosóficas como a filosofia política, a filosofia concreta, a filosofia não estruturalista, etc.) em contraponto com a metafísica tradicional da descontinuidade. Escapar da filosofia descontínua, da dualidade entre o bem e o mal, o ser generoso ou maldoso, o bom e a manifestação da bondade, o bonito e o feio, beleza e feiura, coisas belas e coisas feias, homem e animal, humano e selvagem etc. que isolam valores binários. Estas assertivas misturam o perceptível com o inteligível e facilmente percebemos que, qualitativamente, são diferentes porque uma coisa bela não necessariamente expressa “a beleza”, essa coisa pode ter algo de feio ou não ser percebida como bela e, dessa forma, não representa a beleza.

Descontinuidade, todavia, traz à tona o tema da relação. Se esses dois reinos são ontologicamente distintos, qual é a natureza da relação de um com o outro? A típica resposta oferecida, embora varie amplamente nos detalhes, é alguma sorte de hilemorfismo²⁵. Isto é o sensível e o inteligível estão relacionados um ao outro como forma e conteúdo (Adkins, 2023, p. 14).

24 Mecanosfera – É definida por Deleuze e Guattari como o conjunto de máquinas abstratas de agenciamentos e conexões entre objetos e seres heterogêneos (animais, humanos, não humanos, técnicos, biológicos, etc. em estratos e paraestratos, interestratos) que operam maquinaalmente, são agenciamentos maquinais compostos de fluxos e cortes. (Deleuze; Guattari, 2012a)

25 Hilomorfismo – a matéria “*hyle*” é moldada por uma forma “morfismo” – para Deleuze e Guattari esse conceito impõe uma pré-estrutura à matéria. A visão dos autores é mais vitalista, dado que foca em fluxos devires e agenciamentos, que inclusive formam a matéria. Os exemplos na obra *Mil Platôs* estão na formação de cristais e arenito, em composições e indução, respectivamente. A metafísica da continuidade se contrapõe a essa analogia do sensível com o inteligível da filosofia tradicional. (Deleuze; Guattari, 2011b).

A metafísica da continuidade opera em devires imanentes, em agenciamentos e conexões de modo contínuo do sensível e do inteligível. Sem recorrer a uma doutrina de analogia para conceituar sua inter-relação, ela está mais para a “univocidade” do ser, ou seja, relacionada à hecceidade de uma “localização” do ser em sua longitude (conexões externas) e sua latitude (suas intensidades afetivas), dependente de sua duração e exposição à macropolítica e micropolítica de massas e classes. Todo o exposto é importante para o conhecimento do movimento político, das lutas políticas moleculares e de minorias que, no entanto, são fracas se não forem sobrecodificadas no plano molar da macropolítica, pois a massa é incapaz de uma luta unívoca, ela é molecular por excelência e, ao contrário, a classe é molar e capaz de efetivar uma luta política segmentada. A classe burguesa tem dominado o *socius* nos séculos que se sucedem ao feudalismo, e se tornou a classe pivô de nossa imanência.

O movimento das três serpentes

A metafísica da continuidade, dos movimentos e repousos, das velocidades e lentidões imanentes, que contém acontecimentos e agenciamentos molares, moleculares e quanta representados pelos autores por linhas e círculos, portanto relações molares “more geométricas”, essas, por sua vez, são diferenciadas por segmentos e linhas subjetivantes. Deleuze e Guattari explicam na Obra *Mil Platôs*, nos volumes 3 e 5 (2012a, 2012c), a origem do aparelho do Estado desde as associações das tribos primitivas de caçadores e coletores até hoje, com o Estado nação.

A ênfase aqui, nesse breve estudo, para melhor entendimento, está contingente ao Estado totalitário e ao Estado fascista que entendemos serem estes opostos e exemplos paradoxais que demonstram com mais clareza o movimento político desejante. Isto, em todos os níveis molares e moleculares das subjetividades que dançam nas expressões sociais, tendo como hegemonia, há mais de dois séculos, a classe (burguesa) capitalista a qual domina o Estado e a sociedade com as organizações molares, os centros de poder econômico, de direito privado e político na dança macro micro das massas e das classes atuantes em movimentos, por sua vez com velocidades políticas diferenciadas.

Estamos mais aptos a desenhar um mapa. Se reatribuímos à palavra “linha” um sentido muito geral, vemos que não há somente duas linhas, mas três linhas efetivamente: 1) Uma linha relativamente flexível

de códigos e de territorialidades entrelaçados, é por isso que partimos de uma segmentaridade dita primitiva, na qual as segmentações de territórios e de linhagens compunha o espaço social; 2) Uma linha dura que opera a organização dual dos segmentos, a concentricidade dos círculos em ressonância, a sobrecodificação generalizada: o espaço social (implica aqui um aparelho de Estado.) É um sistema outro que o primitivo, precisamente porque a sobrecodificação não é um código ainda mais forte, mas um procedimento específico, diferente daquele dos códigos (assim como a reterritorialização não é um território a mais, mas se faz num outro espaço que os territórios – precisamente, no espaço geométrico sobre codificado; 3) Uma ou algumas linhas de fuga, marcadas por quanta, definidas por descodificação e desterritorialização (há sempre algo como uma máquina de guerra funcionando nessas linhas) (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 112).

A sobrecodificação generalizada burguesa é o DNA do aparelho de Estado, em danças com linhas subjetivantes expressas por rostos sociais, ou seja, a subjetividade reconhecida socialmente (subjetividade molar, reconhecida coletivamente), representada por um muro branco social, porém, desconhecida porque imbricada com buracos negros que fazem a singularidade (heceidade) de indivíduos e de classes e massas, dado o fato de linhas de fuga e quanta estarem em fluxos, escapando a todo momento, e o aparelho de Estado ressoando e reafirmando as organizações molares com os centros de poder, com sua potência e impotência em não deixar escapar os fluxos que dançam ao ritmo desejante molar e molecular.

O *socius* burguês tem o aparelho de Estado como máquina de ressonância como centro de poder, emissor de linhas molares, provocador de linhas moleculares, linhas maleáveis de fuga e disseminador de quanta, ou seja, tem no nosso estudo a macropolítica e a micropolítica como motores de inércia ou de mudanças, com a missão de manter a inércia capitalista.

Nesta dinâmica, como eles podem fundamentar o movimento e os agenciamentos políticos que vivenciamos? Estas linhas que dançam entremeadas e interdependentes, uma influenciando todas e todas influenciando uma, serpentes em danças, cópulas e venenos com conteúdo e expressão de redemoinhos, tornados e furacões são um verdadeiro devir maquínico desejante de inércia ou mudanças. São, igualmente, verdadeiras máquinas de ressonâncias, máquinas de guerra modificando o dia-a-dia de sólidas organizações molares como o Estado, o Direito e a Economia. Nessa imanência dinâmica em que vivemos, como Deleuze e Guattari explicam

os movimentos desde os primitivos caçadores/coletores, passando pelo Estado despótico até o Estado nação que conhecemos atualmente?

Neste contexto, os autores utilizam a filosofia, a ciência e a psicanálise e trazem conteúdo e expressões inovadoras, um instrumental integrado para demonstrar devires mais além da normalidade binária molar a que estamos submetidos. Tudo isso, para eles, se passa pelos fluxos desejantes, de massa e de classes, que podemos observar pela semiótica perceptiva, associada à metafísica da continuidade dos autores.

A política é percebida em fluxos de estratos conhecidos (físico, biológico, cultural) com significâncias percebidas em constantes mutações, internamente ao estrato e também em paraestratos com ligações a outros substratos e estratos externos. “Os problemas se apresentam sempre desse jeito. Boa ou má, a política e seus julgamentos são sempre molares, mas é molecular, com suas apreciações que faz (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 112).

Para que essa metafísica da continuidade política seja inteligível, é necessário que estejamos abertos a uma nova semiótica perceptual contínua em movimento a qual “conversa” intuitivamente e racionalmente com cada um de nós em nossa singularidade, nossa segmentaridade, com nossas máquinas desejantes, abstratas ou de guerras, nossa rostidade, nossos buracos negros, tudo isso devindo imperceptível ou sendo percebido com a política.

Estado despótico, Estado nação

As três linhas, em uma abordagem mais geométrica, ou seja, mais organizada idealmente, têm a linha dura na organização do Estado. O Estado possui instituições e os Estados Democráticos de Direito distribuem os poderes em legislativo, executivo e judiciário, sendo o legislativo responsável pela macropolítica e pela definição de leis agregadas à constituição ou leis que alteram as leis pétreas.

O Poder Legislativo é a instituição que deve perceber a semiótica molecular da sociedade e promover leis que atendam macro e micropolíticas que se destacam em movimentos lobistas e movimentos populares. A diferença aqui é entre interesses molares e desejos moleculares, que podem se tornar molares se inscritos nas leis pelo parlamento. Esta dança complexa e dependente de intensidades de fluxos desejantes e fluxos de interesses estão tendo devires perceptíveis com a dança das linhas duras, flexíveis,

de fuga e os círculos segmentários, linhas atuantes na massa e nas classes e em linhas subjetivantes que atingem resultados políticos dependentes das intensidades e em tensões que acontecem e agenciam os atores, em seus diferentes segmentos.

O Poder Executivo é responsável pela administração pública, pelas políticas públicas e programas sociais e sua função na democracia é equilibrar as forças macro e micro políticas atendendo, dentro da lei, demandas sociais em todas as necessidades dos indivíduos, empresas, associações, sindicatos, etc. como preza a democracia. Os Estados, em sua maioria, têm a classe burguesa hegemônica que domina a política, a economia e o direito privado. O poder judiciário é o defensor da constituição, ou seja, defende o plano molar regrado por excelência no Estado.

Os conteúdos e expressões de cada linha na dança política macro/micro gestam a política de Estados democráticos ou totalitários e gestam até governos fascistas e cancerosos que beiram ao suicídio, alucinados por buracos negros que expelem ódios pelos diferentes e fazem desse ódio o clamor da própria morte.

E quando o fascismo constrói para si um Estado totalitário não é mais no sentido de uma tomada de poder por um exército de Estado, mas, ao contrário, no sentido da apropriação do Estado por uma máquina de guerra. Uma estranha observação de Virilio²⁶ nos dá a pista: no fascismo o Estado é muito menos totalitário do que suicidário. Existe no fascismo um nihilismo realizado (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 123).

O Estado despótico se caracteriza pela face do opressor e do poder ilimitado do rei, firmado na violência. O Estado totalitário é semelhante, mas não será um rei com poderes divinos e sim um ditador ou uma autocracia, civil ou militar, que isola o Estado e endurece as organizações molares com força militar e violência. Todavia, quanto mais o totalitarismo avança, mais as linhas maleáveis e de fuga se expressam.

A organização totalitária tem seu limite e não consegue controlar tudo que escapa com os centros de poder constituídos no plano molar. As linhas e fluxos no Estado capitalista são controladas por máquinas abstratas que ressoam a organização, remetem às regras que mantém a crença na estabilidade e na segurança pública com fortes fluxos fundados em estratos

26 Virilio – Paul Virilio – autor moderno de várias obras, em destaque *Velocidade e Política*, 1977. Autor do termo *Dromologia*, estudo da velocidade e seus efeitos nos sistemas sociais, tecnológicos e políticas (Wikipédia, 2026).

culturais que ressoam com agenciamentos de reterritorialização, efetuando sobrecodificações para controle de fluxos que escapam.

Definir-se-á, por exemplo, a máquina abstrata more geométrico, ou em outras condições por uma “axiomática”, mas o aparelho de Estado não é nem a geometria nem a axiomática: ele é apenas o agenciamento de reterritorialização que efetua a máquina de sobre codificação em tais limites e sob tais condições. Pode-se só dizer que o aparelho de Estado tende mais ou menos identificar-se com essa máquina abstrata que ele efetua. É aqui que a noção de Estado Totalitário adquire seu sentido: um Estado devém totalitário quando ao invés de efetuar sem seus próprios limites a máquina mundial de sobre codificação, ele identifica-se com ela, criando as condições de uma “autarquia”, fazendo uma reterritorialização por “vaso fechado”, por confinamento, no artifício do vazio (o que nunca é uma operação ideológica, mas sim econômica e política) (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 114).

O Estado totalitário isola-se no vazio de uma crença de autonomia mundial e passa agir com a máquina de ressonância do tipo “vaso fechado” reterritorializando o plano molar em bases econômica e política, de viés autocrático, fundado na força e na violência contra as diferenças.

O Estado não é um ponto que toma para si a responsabilidade dos outros, mas uma caixa de ressonância para todos os pontos. E mesmo quanto o Estado é totalitário, sua função de ressonância para centros e segmentos distintos não muda: ela apenas se faz em condições de vaso fechado, de isolamento que aumenta seu alcance interno, ou redobra a “ressonância” através de um “movimento forçado (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 115).

O Estado totalitário, diferentemente do processo fascista de constituição das máquinas de capturas emitidas por buracos negros orquestrados em ritmos e melodias de ódios moleculares, adquire altas intensidades molares. O fascismo em seu desenvolvimento é capaz de se constituir em um Estado totalitário fascista, porém com predominantes linhas de fuga, podendo destruir a sociedade nos movimentos moleculares de massas, milícias, gangues, justiceiros sociais e delatores contumazes, plenos de ódios efusivos dos buracos negros abertos, contagiantes e expansivos como um organismo canceroso trazendo enquanto motivo a pulsão de morte agenciada por fluxos coletivos em fuga, inclusive com a apropriação de Estado autoritário, como no fascismo italiano e o nazismo alemão. .

Não invocamos qualquer pulsão de morte. Não há pulsão interna ao desejo, só há agenciamentos. O desejo é sempre agenciado, ele é o que

o agenciamento determina que ele seja. No próprio nível das linhas de fuga, o agenciamento que as traça é do tipo máquina de guerra (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 122).

O fascismo é uma máquina de guerra, é a apropriação do Estado por uma máquina de guerra cuja finalidade é a guerra até a vitória ou morte. O filme *Mephisto*, de Klaus Mann, apresenta frases nazistas que ilustram o exposto:

Nosso amado Führer nos arrasta para as trevas e o nada.” [...] Como nós, poetas, que mantemos relações particulares com as trevas e o abismo, não o admiraríamos por isso? [...] Raios de fogo no horizonte, valetas de sangue em todos os caminhos, e uma dança de possuído dos sobreviventes, daqueles que ainda estão poupados, em torno dos cadáveres! (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 124).

O fascismo produz um encantamento de ódio, um sentimento de vazão de impotência transmutado em potência, potência de matar e estar morto, potência de negar toda a organização molar e destruir o diferente e a si mesmo, suas crenças e superstições em troca de redundância odiosa de seitas e moral de cunho fascista, onde as relações intersubjetivas estão vazias e inconclusivas, senão pelo ódio.

É aqui que reencontramos o paradoxo do fascismo e sua diferença em relação ao totalitarismo. Com efeito, o totalitarismo é assunto de Estado: concerne essencialmente a relação do Estado como agenciamento localizado com a máquina abstrata de sobre-codificação que ele efetua. Mesmo quando se trata de uma ditadura militar, é um exército de Estado que toma o poder e que leva o Estado ao estágio totalitário, e não uma máquina de guerra. O totalitarismo é conservador por excelência. No Fascismo, entretanto, trata-se de uma máquina de guerra. E quando o fascismo constrói para si um Estado totalitário não é mais no sentido de uma tomada de poder por um exército de Estado, mas ao contrário, no sentido da apropriação do Estado por uma máquina de guerra (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 123).

Assim, os autores deixam clara a diferença entre Estado totalitário molar e o fascismo que cria para si um Estado totalitário molecular para a guerra, cuja finalidade é a guerra, matar e morrer. O crescimento da extrema direita, no mundo e no Brasil, exala o ódio pelas diferenças almejando classes segmentadas de “ganhadores e perdedores”, rompendo o tecido social. Facilmente visualizamos movimentos fascistas de ódios aos diferentes, embaixo de lemas e em ressonâncias que motivam crenças e capturam desejos de mudanças moleculares em linhas de fuga com seus perigos políticos de abolição do Estado Democrático de Direito.

As três linhas e os perigos: medo, clareza, poder e morte

A dança molar, molecular e quanta decidem a política nas lutas intensivas entre macropolítica e micropolítica, assim, conhecer os perigos das linhas é fundamental para compreender a orquestração, os ritmos e as melodias das danças moleculares com os molares que determinam nossos devires políticos.

Os centros de poder processam nos níveis molares, moleculares e quanta, em nível de potência molar – organização dura em nível de incertezas ou indiscernibilidades que ocorrem no nível molecular em que os autores denominam microfísico e, na linha de fuga no nível molecular e quanta a qual denominam de zona de impotência. Essas três zonas, assim como as linhas, contêm perigos e criações relativas às mudanças da inércia ou de permanência nela.

Todo centro de poder tem efetivamente estes três aspectos ou estas três zonas: 1) sua zona de potência, relacionada com os segmentos de uma linha sólida, dura; 2) sua zona de indiscernibilidade, relacionada com sua difusão num tecido microfísico; 3) sua zona de impotência, relacionada com os fluxos e quanta que ele só consegue converter, e não controlar nem determinar. Ora, é sempre no fundo de sua impotência que cada centro de poder extrai sua potência: daí sua maldade radical e sua vaidade (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 118).

A dança, que metaforicamente denominamos “dança das serpentes”, tem em cada linha a sua peculiaridade, organizada maquinalmente em agenciamentos abstratos, agenciamentos de quanta, microfísicos, que se interpenetram no plano molar, conflitando e conformado com o plano de consistência para produzirem devires percebíveis e imperceptíveis, com efeitos políticos no mundo. Esses devires possuem centros de poder que tentam controlar, mas apenas conseguem sobrecodificar reterritorializando em outros patamares molares, criativos ou destrutivos, dados os aspectos positivos (flexíveis) de mudanças e os perigos associados às linhas desejanter.

[...] em todos os casos, a primeira zona do centro de poder define-se no aparelho de Estado, como agenciamento que efetua a máquina abstrata de sobrecodificação molar; e a segunda define-se no tecido molecular onde mergulha esse agenciamento, a terceira define-se na máquina abstrata de mutação, fluxo e quanta (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 118-119).

Os perigos dessas linhas e zonas, já demonstradas, e seus efeitos produzidos nos movimentos dos aparelhos de Estado, das massas e

classes, nos movimentos de subjetivação do *socius* e das singularidades dos indivíduos são o medo, a clareza, o poder e a morte.

Mas não podemos dizer destas três linhas que uma seja má, e outra boa, por natureza e necessariamente. O estudo dos perigos em cada linha é o objeto da pragmática ou da esquizoanálise, visto que ela não se propõe a representar, interpretar nem simbolizar, mas apenas a fazer mapas e traçar linhas, marcando suas misturas tanto quanto suas distinções (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 119).

O primeiro perigo dessas linhas é o medo, promovido diariamente pelos veículos de mídia, quaisquer deles, sejam redes sociais ou telejornais, impressos, jornais virtuais, etc. Tememos o tempo todo perder algo como a vida, a saúde, o dinheiro, o patrimônio, o emprego, qualidade de vida, etc. e, por isso, nos agarramos às linhas molares que nos submetem à sobre-exploração do trabalho, à servidão voluntária exposta por Étienne de La Boétie em 1576, após sua morte.

A máquina de captura molar do capitalismo e as ressonâncias em acontecimentos e agenciamentos se “utilizam” do medo, dos pequenos medos, das micropaúras, sentimentos e emoções moleculares de perdas, temores, supertições e crenças. As micropaúras direcionam os fluxos desejanter coletivamente, sobrecodificando-os quando necessário, devêm as organizações molares, para supostamente proporcionar segurança organizada nas linhas duras do capitalismo, submetem a sociedade “voluntariamente” com suas máquinas desejanter capturadas pelas linhas de falsas seguranças ou estabilidade.

A segurança, a grande organização molar que nos sustenta, as arborescências onde nos agarramos, às máquinas binárias que nos dão um estatuto bem definido, as ressonâncias onde entramos, o sistema de sobrecodificação que nos domina – Tudo isso nós desejanter (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 119).

Porém os planos molares investem nos medos, nas micropaúras, elas continuam em limites e limiars do tolerável e do intolerável, para reforçar a aderência à organização dura.

Para os autores franceses, tanto o Cosmos quanto o Universo, a Terra e a humanidade existem em movimentos constantes de velocidades e lentidões e, por isso, a metafísica da continuidade ininterrupta em que tudo se move, de alguma maneira, nesses movimentos de massas e classes, da macropolítica e da micropolítica, enfim, todos estes dançam com seus perigos e criações. O perigo da linha dura organizada são os medos pelo fato dessas linhas estarem, “aparentemente”, suficientemente organizadas

e “supostamente estáveis” capturando os fluxos desejantes em devires de submissão voluntária tendo como motor os medos que impedem as mudanças ou as incentivam, como no caso da segurança pública que incentiva desejos de mais polícia. São os desejos capturados pelo plano molar tendo o medo como indutor.

Fugimos diante da fuga, endurecemos nossos segmentos, entregamo-nos à lógica binária, seremos tanto mais duros em tal segmento quanto terá sido duros conosco em tal outro segmento, reterritorializamo-nos em qualquer coisa, não conhecemos segmentaridade senão molar, tanto no nível dos grandes conjuntos aos quais pertencemos, quanto no nível dos pequenos grupos onde nos colocamos e daquilo que se passa conosco no mais íntimo ou mais privado. Tudo é concernido: a maneira de perceber, o gênero de ação, a maneira de se mover, o modo de vida, o regime semiótico (Deleuze, Guattari, 2012a, p. 119).

Em síntese, podemos afirmar que os medos sempre reterritorializam os desejos pelas linhas duras e a sociedade continua a inercia conservadora para manter seu *status quo* (estabilidade) no plano de imanência, hoje dominada pela classe burguesa com o capitalismo há mais de dois séculos.

Entretanto, esses micro medos estão prestes a serem superados pelos medos maiores de morte no Tanatoceno, com o aquecimento global e as catástrofes que a Terra responde. Talvez este seja um momento de inflexão para um mundo novo, um medo maior de extinção que exploraremos no final deste artigo.

O segundo perigo é a “clareza”, a mais difícil de ser notada, porque ela concerne o molecular e o quanta. A percepção da clareza é molecular, é toda uma semiótica alternativa à dureza molar que mostra aspectos esclarecedores de irracionalidade, de maldades, de egoísmos, de individualismos dos sistemas molares e do sistema capitalista que podem acelerar a velocidade de percepção do intolerável até o limiar flexível de luta política para mudança. Ou até a passagem do limiar para outro limite de fuga ao intolerável, uma revolução, às custas de uma aventura nas linhas de fuga que podem levar à abolição da segurança, da estabilidade e da conformidade caindo na guerra ou no vazio, sem propósito, em linhas suicidárias e fascistas.

É precisamente isso a clareza: essas distinções que se estabelecem naquilo que nos parecia pleno, esses buracos no compacto; e inversamente, lá onde víamos até há pouco arremates de segmentos bem definidos, o que há, sobretudo, são franjas incertas, invasões, superposições, migrações, atos de segmentação que não coincidem mais com a segmentaridade dura (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 120).

A clareza pode incentivar devires de mudanças benéficas quando o bom combate político por justiça ou por liberdades entre os diferentes promovem devires de “*amor fati*”²⁷, todavia o perigo é o oposto. A segmentaridade flexível se opõe à segmentaridade dura, ou seja, o embate entre o molecular percebido na clareza e o molar que pode reproduzir microafecções, as mesmas afecções das flexíveis, substituindo ou mudando as linhas duras, por linhas ainda mais duras. Estes devires são conhecidos pela clareza, por alternativas da mesma natureza (mais duras) ou de crenças ilusórias de diferenças do molar, contudo, com afecções similares ou até contrapondo as linhas de fuga de abolição, capturando os efeitos moleculares.

Quanto mais os conjuntos devêm molares, mais os elementos e suas relações tornam-se moleculares: o homem molecular para uma humanidade molar. [...] Mas sobretudo, a segmentaridade flexível suscita seus próprios perigos, que não se contentam em reproduzir em miniatura os perigos da segmentaridade molar, nem em decorrer destes perigos ou compensá-los: como já vimos, os microfascismos têm sua especificidade, eles podem cristalizar num macrofascismo, mas também flutuar por si mesmos sobre a linha flexível, banhando cada minúscula célula. Uma multidão de buracos negros pode muito bem não se centralizar, e ser como vírus que se adaptam às mais diversas situações, cavando vazios nas percepções e nas semióticas moleculares (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 120).

Os perigos da clareza se sucedem quando atinge o limite da tolerância ou do intolerável percebido no molar criam afecções de rompimento, de mudanças radicais de uma segmentaridade para outra ou para linhas de abolição, de vazio e pulsões de morte que podem agir como um vírus. Por isso, o fascismo é lembrado aqui como um movimento micropolítico em dança com macropolíticas e efeitos cancerosos de buracos negros no tecido social.

O terceiro perigo é o poder, que Deleuze e Guattari afirmam que está nas duas linhas, no molar e no molecular, na macropolítica e na micropolítica. O poder se movimenta nos segmentos duros e trespassa as segmentações finas, ou seja, ele se movimenta da sua sobrecodificação e

27 *Amor fati* – É uma expressão em latim que pode ser entendida como “amar o próprio destino”. Trata-se de uma perspectiva filosófica, associada ao pensamento de Friedrich Nietzsche e ao Estoicismo, que propõe ir além da simples aceitação dos acontecimentos: a ideia é acolher e valorizar tudo o que a vida traz — inclusive os momentos difíceis, as perdas e o sofrimento — sem desejar que a realidade fosse diferente (Wikipédia, 2025).

das ressonâncias necessárias para as segmentações flexíveis que escapam e voltam em um mundo de fluxos mutantes.

O perigo do poder é a sua impotência em deter as linhas de fuga, pois para realizar isto é necessário deter, codificar e fixar a máquina de mutação para a máquina de sobrecodificação. Assim, é preciso promover agenciamentos políticos locais com a função de efetuar a sobrecodificação e os agenciamentos em dimensões proporcionais à máquina. O homem ou mulher de poder precisam mergulhar do molar ao molecular e transitar como moleque de recados de interesses e desejos entre a micropolítica e a macropolítica.

O homem de poder não deixará de querer deter as linhas de fuga e para isso, tornar fixar, a máquina de mutação na máquina de sobre codificação. Mas ele só pode fazê-lo isolando a máquina de sobre codificação, isto é, primeiro fixando-a, contendo-a no agenciamento local encarregado de efetuar-la, em suma, dando ao agenciamento as dimensões da máquina: o que se produz nas condições artificiais do totalitarismo e do “uso fechado”, do confinamento (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 121).

Os homens de poder têm sua subjetividade regrada por interesses e navegam no molar e no molecular sobrecodificando desejos e crenças em busca de realizar seus interesses. O evento recente do Banco Master, ainda em investigação, demonstra que uma diversidade de homens de poder navegou pelas regras financeiras molares de suas instituições pelo centro de poder do Banco Central e, igualmente, navegaram no campo do parlamento compondo com políticos interessados no “empreendimento” sobrecodificando falsos ganhos financeiros.

A situação do Banco Master evidenciou avolumado desvio de verbas públicas por meio de transações de ativos “podres” e isto somente se tornou possível por meio da dança molar com a máquina de interesse molecular. Esta, por sua vez, se utilizou de diversas máquinas de captura de interesses, de centros de poder operando desde o ganho de valores de mercado atípicos (expectativas moleculares, eventos majestosos, cerimônias íntimas, etc.) sendo que esta dança econômica e política desaguou no maior escândalo financeiro de fraudes e crimes de colarinho branco no país com homens de poder político e financeiro no Brasil.

No entanto, o maior perigo, segundo Deleuze e Guattari, é o quarto e último, a morte. Intimamente ligada às linhas de fuga, a morte significa a abolição das outras linhas em uma ruptura de fuga que pode levar a outro

limite totalmente antagônico ou diferente do que existe e moldar um vazio com cheiro de morte.

Podemos citar o exemplo das revoluções quando uma linha molar é substituída por outra após as linhas de fuga de morte revolucionárias. As linhas de fuga, quando não estão traçando criação ou mudanças na realidade social, possuem potência para criar alternativas que impactam negativamente o tecido social; as linhas de fuga podem se tornar linhas de abolição e morte, a exemplo os movimentos fascistas.

Não invocamos qualquer pulsão de morte. Não há pulsão interna do desejo, só há agenciamentos. O desejo é sempre agenciado, ele é o que o agenciamento determina que ele seja. No próprio nível das linhas de fuga, o agenciamento que as traça é do tipo máquina de guerra. As mutações remetem a essa máquina, que certamente não tem a guerra por objeto, mas a emissão de quanta de desterritorialização, a passagem de fluxos mutantes (toda a criação nesse sentido passa por uma máquina de guerra). Há muitas razões que mostram que a máquina de guerra tem uma outra origem, que ela é um agenciamento distinto do aparelho de Estado. De origem nômade, ela é dirigida contra ele. Um dos problemas fundamentais do Estado será o de apropriar-se dessa máquina de guerra que lhe é estrangeira, fazer dela uma peça de seu aparelho sob forma de instituição militar fixada; e nesse aspecto o Estado sempre encontrará grandes dificuldades (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 122).

As guerras recentes possuem motores incrustados nos aparelhos de Estado, cujas máquinas de guerra dominam a política, o jogo de interesses capitalistas da indústria bélica, os recursos de energia fóssil da indústria do petróleo e as finanças capitalistas globalizadas que financiam as guerras. A máquina de guerra adota a abolição molar da diplomacia política para, na total destruição do outro, traçar linhas de fuga constituídas das próprias máquinas de guerra que não têm outro propósito, enquanto durar, senão a morte e a destruição do outro pelo desejo de estoque de terras, petróleo e finanças, sendo que podemos adicionar apropriarem-se da tecnologia bélica e acelerar o Tanatoceno. Este perigo está na política moderna quando a máquina de guerra assume o Estado em linhas de abolição e morte.

A esquerda combate o fascismo e o autoritarismo configurados na extrema direita, luta por inclusão de trabalhadores na economia e luta por ampliar a produção e combater a miséria. Por outro lado, a direita fomenta buracos negros de ódios com as práticas irracionais do capitalismo no plano molar, provoca injustiças e exclusões, marginaliza e submete pelo medo as classes de trabalhadores, em todos os níveis. No

contexto contemporâneo, em pleno século XXI, é mais fácil agregar massas moleculares para o fascismo na base do ódio do que agregar para o “*amor fati*”, o amor solidário e molecular está impotente para agregar fluxos intensivos de mudanças políticas, pois até mesmo com as religiões de todos os naipes pregando os ensinamentos de Jesus, capturadas pelas máquinas da extrema direita, isso, por si só, sem levar em conta as instituições sociais legítimas capturadas no neoliberalismo, já demonstra o perigo o qual as linhas subjetivantes proto-fascistas exercem em linhas de fuga que trazem riscos e imobilizam a democracia.

Classe burguesa ou classe ecológica?

A luta política transcorre em movimentos de inércia e mudanças, os autores franceses demonstram essa luta contínua utilizando conceitos da geometria como linhas, círculos, planos, etc.; da física e da química como molar, molecular, partículas, quanta, estratos, etc.; da cartografia como longitude, latitude, territorialização, desterritorialização, etc. e das máquinas, fluxos e cortes tais como máquinas de guerra, máquinas abstratas, máquinas desejanças, de ressonâncias, etc.

Com tudo isso, como exposto acima, mostram essa dinâmica de acontecimentos e de agenciamentos na macropolítica e micropolítica, no contexto da metafísica da continuidade. Nesta metafísica só é possível compreender a política intuitivamente, ou seja, em uma semiótica perceptiva apreendida pelo desdobrar destes conceitos com associações e relações entre eles.

Neste artigo, trazemos esta semiótica com o foco da política na comunidade da diferença a partir das questões do filósofo Miroslav na sua busca de como a abordagem filosófica chega até hoje. Ele parte desde os gregos até a modernidade, faz a crítica aos conceitos de sujeito, subjetividade e intersubjetividade da filosofia tradicional moderna e binária inaugurada por Descartes com o “*cogito*” e fundada com Kant e Hegel no idealismo e na fenomenologia moderna, ampliada por diversos outros filósofos citados nas obras de Milovic.

Para melhor unir os conceitos e prospectar novos mundos possíveis teremos que responder as seguintes perguntas: Qual novo mundo é possível? Como chegar a esse mundo?

Um novo mundo é necessário, vemos a resposta da Terra ao Antropoceno (Azam, 2020), a ciência natural (mudanças ambientais) até

onde a humanidade consegue vislumbrar, mostra que a resposta da Terra é simples, dado que é pelo Tanatoceno que chegaremos em um novo limiar com a destruição das espécies vivas, seja no plano macro (fauna e flora), no plano micro (vírus, bactérias, amebas, microrganismos, etc.) e nas catástrofes em que a Terra responde ao Antropoceno.

A pandemia da Covid 19 mostrou como um vírus pode afetar todo o planeta. A humanidade tem uma microbiota de aproximadamente 39 trilhões de microrganismos²⁸ vivendo em nosso corpo e, todos estes seres vivos, macro ou micro, dependem de um ambiente terreno vivo. As respostas da Terra no Tanatoceno provavelmente interferirão no equilíbrio ambiental interno (aos corpos) e externo (a Terra) conhecido.

Para as pessoas que contavam com as reações do antigo mundo, o desnorreamento é total: já não somos seres humanos na natureza, mas seres vivos no meio de outros seres vivos em livre evolução, com e contra nós, que participam todos da mesma transformação. Num mundo galileano (de galileu), a epidemia seria uma crise em vias de resolução; no mundo em que vivemos, assim como ocorreu com o vírus da Covid 19, seremos obrigados incessantemente a sofrer mutações. Que terrível lição! (Latour; Schultz, 2023, p. 63).

Epidemias como a da Covid 19 terão maiores probabilidades de se sucederem com mutações viróticas externas e internas ao nosso corpo, além das catástrofes terrenas decorrentes da extração infinita de recursos das entranhas da Terra e queima de combustíveis fósseis. Portanto, uma nova política global de outra classe é necessária, essa política deve dispor de uma velocidade capaz de conter o Tanatoceno. A luta política não pode estar só no plano molecular, a luta política efetiva carece sobrecodificar o molar com a referência de um NMP.

A micropolítica, apesar de dançar com a macropolítica, não surte efeitos consistentes e não anda na velocidade necessária para mudar o plano molar capitalista organizado que captura os fluxos de desejos com a produção infinita de bens e serviços. A massa é submetida voluntariamente nessa hegemonia de classe com medos e micro medos adicionados à falsas promessas de estabilidade sobrevivente. A classe dominante não deixa de explorar privadamente os recursos da Terra como minerais, energia fóssil, nuclear, etc., assim como toda a diversidade, homens, mulheres, crianças, animais, flora, microrganismos, etc.

28 A Microbiota é composta de: bactérias, fungos, vírus etc. (Curiosiphatos, 2024).

O maior desafio da espécie humana atual é derrotar politicamente esta classe dominante com a ascensão de outra classe no campo da macropolítica, uma nova classe constituída com a massa e as máquinas abstratas que ressoem os medos de extinção das espécies e coloque o NMP para que outra classe possa hegemonizar alternativamente a política localmente e globalmente.

A classe burguesa dominante consegue tornar tudo mercadoria para estoque e circulação com o objetivo de acumulação de riquezas e do aumento infinito do estoque. Ela quer “viver ‘do’ mundo”, ou seja, quer a completa exploração dos recursos naturais para sua acumulação, quer produção para estoque e esta determinação de classe domina o devir imanente que percebemos no Tanatoceno.

No entanto, esse domínio perceptível devém em uma linha de abolição da vida planetária, a linha de morte se torna mais forte do que qualquer outra linha desejante alternativa, mesmo aquelas de micro medos que prometem estabilidade. A máquina de captura burguesa capitalista, atualmente, se enfraquece diante da linha de morte, visto que, as máquinas desejantes como dinheiro, sobrevivência, turismo, consumismo, alimentação, qualidade de vida, emprego, trabalho, preservação da espécie, alimento adequado, etc. não deixam de ter importância nas máquinas de capturas, mas para quem sofre catástrofes, doenças e pandemias (a exemplo a Covid19), resulta que o medo da abolição da vida planetária é mais forte e potencialmente capaz de mudar a inercia mentida pela classe burguesa.

Para efeitos consistentes a um novo mundo possível, é necessária outra classe que dispute a hegemonia política do planeta, é necessário unir o plano de consistência molecular das diversas massas e classes que tenham clareza do destino (devir), a que nos leva a classe dominante e a constituir uma classe alternativa local e global. Devir (Tornar) uma massa molecular em uma classe pivô que projete e consiga na democracia a organização molar e a força molecular para novo devir: viver “no” mundo, e não ‘do’ mundo. ou seja, habitar o mundo.

A inflexão decisiva é dar prioridade à manutenção das condições de habitabilidade do planeta e não ao desenvolvimento da produção. Nesse sentido, não se trata de apenas limitar o produtivíssimo, [...] trata-se de se desviar completamente do horizonte da produção como princípio de análise das relações entre os humanos e entre os humanos e aquilo de que aprendem a depender (Latour; Schultz, 2023, p. 33).

Esta façanha não é um desafio fácil na política, a classe dominante tem o Estado civilizado, o direito e a economia em uma axiomática perene

e persistente que legitima conteúdos e expressões capitalistas e consegue capturar a servidão voluntária e a dívida infinita há muitos séculos de capitalismo. Estamos condicionados a essas análises por cultura e hábitos e centros de poder.

A classe burguesa emergiu na Europa Ocidental entre os séculos XI e XIII, ela se fortalece com o mercantilismo e a revolução comercial. A hegemonia acontece na Inglaterra após a Revolução Gloriosa em que a burguesia limita o poder real e estabelece o parlamentarismo.

Deleuze e Guattari demonstram com fatos que a história, desde os selvagens, caçadores e coletores nômades até a dominação da burguesia no capitalismo, até a era do Estado nação “civilizado” que conhecemos hoje, perpetua a classe burguesa nos poderes. O colapso do feudalismo promoveu fluxos desejantes de trabalhadores nas cidades, fluxos de dinheiro das terras feudais vendidas com a falência aristocrática tradicional, novas manufaturas nas cidades e o surgimento do trabalho assalariado com os artesãos desejantes de aumentar a produção, o gosto crescente pelo estoque (acumulação de recursos e moedas) tendo o início da classe burguesa. Enfim, Deleuze e Guattari demonstram em suas obras *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1e 2* (2011a) e *Mil platôs* volumes 1 a 5 (2011b, 2011c, 2012a, 2012b, 2012c), respectivamente, toda essa saga de formação do Estado Nação capitalista sob o tacão da classe burguesa com a filosofia e a psicanálise.

Sem entrar mais no mérito, fato importante é que o Estado que conhecemos sempre foi dominado pela classe burguesa organizada que, nas várias modalidades de regimes de governos tem mantido o domínio do Estado por ao menos dez séculos. Ou seja, 365 mil dias e chegamos em 2026 com quarenta anos de aquecimento global e com impactos catastróficos os quais a Terra responde às agressões do Antropoceno (Azam, 2020). Em síntese, com as extrações de recursos da Terra, tendo como objetivo o lucro, estamos a atingir o limiar de uma nova era geológica que denominamos “Tanatoceno”, a morte das espécies vivas do planeta. Isto sem expressar a falha da classe capitalista em atender a humanidade em suas necessidades primárias, em que permanecem a iniquidade, a miséria, a exclusão e a fome humana sendo, até hoje, plano fértil para o câncer fascista prosperar.

Entender a política nos movimentos, nas massas e nas classes que dominam o aparelho de Estado e o contexto em que vivemos é fundamental

para conhecermos como proceder para devirmos para um novo mundo possível (NMP).

Um campo social não para de ser animado por toda a espécie de movimentos de descodificação e de desterritorialização que afeta “massas”, segundo velocidades e andamentos diferentes. Não são contradições, são fugas. Tudo é problema de massa, nesse nível (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 109).

A classe burguesa tem conseguido navegar nas linhas e em seus perigos colmatando diferenças, explorando semelhanças de rostos sociais produzindo subjetividades codificadas, voluntariamente submissas e também moldando novas subjetividades com máquinas abstratas, máquinas de ressonância, fluxos, linhas e quanta, de forma a continuar a dominação, ou seja, efetiva a axiomática capitalista como percebemos na obra de Deleuze e Guattari.

A classe dominante influi hegemonicamente na política, na psiqué social, na práxis, na vida humana e produz situações intoleráveis de destruição, misérias e exploração desmesurada do planeta e do trabalho, fazendo emergir moléculas fascistas nas massas frustradas pela inação democrática. As pequenas clarezas moleculares que vislumbramos no plano molar da burguesia efetuam mudanças opostas ao fascismo quando se consegue que o direito molar sobrecodifique direitos de minorias, por exemplo, o matrimônio homossexual, as punições à crimes de misoginia, aos crimes raciais e crimes contra a vida humana e animal com aparente evolução social civilizada em combate à injustiça social.

Contudo, dois fluxos da burguesia não podem escapar dos centros de poder burgueses e são cercados por máquinas de guerra de todos os tipos como a midiática, a imprensa, a educação formal, a moldagem de rostos em muros brancos, policiais, militares, redes sociais, etc. sendo os dois fluxos a acumulação de capital com a propriedade privada do planeta e a sobre-exploração do trabalho para garantia do lucro, fluxos garantidos pelo direito privado burguês, incrustados no aparelho de Estado. A classe burguesa dominante nos captura no modo de “viver **do** mundo” explorando privadamente recursos como se a Terra fosse um objeto qualquer, como se o planeta servisse apenas à classe dominante e às custas da miséria explorada em todos os níveis, nos medos e nas iniquidades econômicas. Exploram os recursos da Terra como se não tivessem limites aos desejos de estoque e capital. A classe burguesa tem como motor político a produção.

A burguesia como massa e como classe... Uma massa não tem com as outras massas as mesmas relações que a classe “correspondente” com as outras classes. Seguramente, não há menos relações de força e de violência de um lado do que de outro. Mas precisamente, a mesma luta assume dois aspectos muito diferentes, onde as vitórias e as derrotas não são as mesmas. Os movimentos de massa se precipitam e se revezam (ou se apagam por um longo momento, com longos torpores), mas saltam de uma classe a outra, passam por mutações, exalam ou emitem novas quanta que vêm modificar as relações de classe, questionar novamente sua sobrecodificação e reterritorialização. Fazer passar noutra lugar novas linhas de fuga. Há sempre um mapa variável das massas sob a reprodução das classes. A política opera por macrodecisões e escolhas binárias, interesses binarizados; mas o domínio do decidível permanece estreito. E a decisão política mergulha necessariamente num mundo de micro determinações, atrações e desejos, que ela deve pressentir ou avaliar de um outro modo. Há uma avaliação dos fluxos e de seus quanta, sob concepções lineares e as decisões segmentárias (Deleuze; Guattari 2012a, p. 111).

A citação acima é perfeita para as “pequenas” múltiplas decisões segmentárias de minorias que modificam o social com pequenas vitórias que abrem a moral e as leis, como nos exemplos acima de casamentos homossexuais, crimes raciais e injustiça social que caem na máquina de sobrecodificação capitalista, que por sua vez assume as mudanças sem, no entanto, mudar as condições de configuração burguesa do Tanatoceno.

Ao contrário, o que presenciamos no plano de consistência imanente é a angústia molecular de viver em tempos de guerras e catástrofes climáticas, misérias sem que esse plano de consistência tenha a potência de criar fluxos intensivos de mudanças radicais do *modus* “viver do mundo”, fluxo impotente para mudar para viver ‘**no**’ mundo, um NMP. Continuar a explorar privadamente os recursos da natureza viva e mineral terrestre e destruir a Terra e a humanidade com genocídios, artilharias, mísseis, tanques e armamentos bélicos de alto consumo de oxigênio e emissão de CO² é o que a classe burguesa tem propiciado ao longo de sua história.

As forças moleculares da massa, dos povos autóctones, indígenas, das massas de classes ecológicas, classes proletárias, classes verdes de colarinhos brancos, presidentes, políticos, organismos internacionais e líderes internacionais, todos estes estão segmentarizados, sem potência molecular organizativa para deter o Tanatoceno. A massa que pode devir a classe ecológica pivô, hoje segmentarizada, se encontra impotente.

A classe ecológica é, portanto, aquela que se encarrega da questão da habitabilidade. Por conseguinte, ela tem uma visão mais ampla, mais

longa, mais complexa da história e até da geo-história. O que aparecia antes como um recuo, como um movimento para trás, quase como uma posição “reacionária” [posicionar-se anti-produção], torna-se agora uma imensa expansão da sensibilidade para as condições necessárias à vida (Latour; Schultz, 2023, p. 39).

É necessária uma nova classe pivô organizada nas massas e classes moleculares e que crie potência para derrotar a classe burguesa em todos os cantos e em velocidade suficiente para deter o Tanatoceno com um NMP. Uma classe que consiga virar a página de “viver *do* mundo” para a página “viver *no* mundo”, sem medo de combater o *tabu* da produção de estoque.

Desconectar o mundo no qual se vive do mundo do qual se vive não é, de fato, uma simples questão de espaço, mas também de tempo. Viver do futuro tem como consequência deixar recair sobre as gerações seguintes a tarefa de resolver os problemas do presente, porém mais tarde! Daí a impressão de ter sido traído pelos velhos e de se ver, no sentido próprio, sem futuro. O futuro foi devorado de antemão (Latour; Schultz, 2023, p. 68-69).

Essa classe ainda dispersa nas massas e nas diversas classes ecológicas, devêm a classe ecológica pivô (Latour; Schultz, 2023) e poderá ela ser capaz de vencer a classe burguesa do planeta? Bruno Latour, antropólogo, sociólogo e filósofo (deleuziano) e Shultz, cientista pesquisador das classes sociais, nos deixam esse memorando²⁹, verdadeiro legado de um caminho árduo, porém possível, de fortalecer na política a classe ecológica mundial para que ela se torne (devir), o pivô da mudança para um mundo habitável que viva naturalmente.

Tem-se a terrível impressão de que a luta está apenas começando. As outras classes fazem uma barulheira saturam o espaço midiático, ocupam as revistas, as televisões, os semanários, monopolizam a formação dos agentes de Estado, multiplicam as escolas de administração e os departamentos de economia, mas onde estão os órgãos dessa classe ecológica? Nada que permita contra-atacar em escala suficiente a hegemonia na luta pelas ideias (Latour; Schultz, 2023, p. 76).

Para aumentar a potência da classe ecológica pivô, os perigos das linhas subjetivantes devem ser evitados e transformados em potências de transformação para o habitar o mundo e congregar as classes e massas para esse novo possível.

O perigo de *medos* de flexibilização molar de estabilidade (perda de empregos assalariados, de renda/consumo), convertidos em medo de

29 Memorando Sobre a Nova Classe Ecológica (Latour; Schultz, 2023)

perda da vida e das vidas, perda de gerações, fim da espécie humana, perda do habitar, de habitar futuro e perda da Terra no Tanatoceno, todavia, também representa perdas presentes nas catástrofes de deslizamentos, terremotos, tsunamis, frios e calores extremos. Medos de doenças causadas por mudanças na microbiota devido ao clima, com ocorrências prováveis de pandemias desconhecidas e exterminadoras de espécies.

O perigo de “clareza” sobre a intolerável perda da Terra é substituída pela clareza de um novo mundo possível de se habitar com a dominância de uma outra classe pivô ecológica que seja hospitaleira, solidária, que consiga se eleger e desenvolver políticas alternativas à produção e cuide da mãe Terra, com clareza de que medo nenhum é maior que o medo da morte provocada por meios externos ao corpo. O terceiro perigo o “*poder*” da classe burguesa de dominar nossos desejos consumistas, de estabilidade e segurança pública, com máquinas de capturas, de ressonâncias de violência e guerras convertidas pela classe ecológica no poder de mudança para habitar no mundo com máquinas de ressonância de um outro mundo possível, máquinas de guerra sem armas e pacíficas para combater o luxo e a concentração de riquezas de uma única classe, proporcionar estabilidade ao habitar o mundo sustentavelmente.

O quarto perigo “*morte*”, expresso em linhas de fuga fascistas e cancerosas que a extrema direita explora no neoliberalismo capturando desejos de estabilidade, segurança policial e militar e desejos fascistas, convertidos em linhas de fuga do molar de **viver do mundo** de produção para viver e perpetuar a vida **no** mundo com a preservação sustentável do lugar onde habitamos. Escancarar que o lugar da vida é aqui e não em Marte, na Lua ou em “*bunkers*”³⁰, ou expressar a extinção eminente de condições de vida na superfície terrena, no Tanatoceno.

Usar os perigos para fomentar outra cultura e outros hábitos, voltar à Terra, à mãe natureza, mas não como objeto de exploração e sim como o lugar que habitamos e respeitamos. Terra onde fomos todas e todos acolhidos e que agora precisa estar acolhida para que continuemos a habitá-la, para que continue preservada provendo apenas os recursos necessários à vida perene. Teremos que eliminar drasticamente a produção e o desperdício da classe burguesa, eliminar qualquer tipo de ameaça às

30 Bunkers– Estrutura de proteção, geralmente subterrânea, construída para abrigar pessoas ou recursos contra ataques, explosões ou até desastres naturais (Wikipédia). São abrigos subterrâneos projetados para proteger contra guerras e catástrofes, incluindo a radiação nuclear, frequentemente associados ao acesso privilegiado da classe burguesa a estruturas de segurança e proteção em larga escala.

vidas das espécies, flora e microrganismos, constituir a solidariedade como ponte entre as diferentes subjetividades, hecceidades e diferentes classes na “comunidade das diferenças”.

É preciso que a classe ecológica pivô agregue no plano molecular e molar a potência de viver no mundo em harmonia e em paz, traduzindo a tecnologia alcançada para melhor convívio e qualidade de vida, eliminando iniquidades, luxos e gastos individuais desnecessários, que promova máquinas de captura e ressonâncias de consumo racional em um novo campo cognitivo de habitar, agindo no coletivo preservacionista em que só uma classe ecológica pivô pode proporcionar no encontro das massas de classes ecológicas e demais massas e classes.

O interesse de se desabituar da exclusividade das relações de produção é também o de voltar a tecer um novo vínculo com os povos ditos autóctones - afinal, um quarto de bilhão de habitantes! - que souberam resistir mais ou menos violentamente à influência do “desenvolvimento”. Uma aliança tanto mais importante quanto esses povos lutam a partir do interior dos limites dos Estados-nações para verter sua conexão com a Terra e modificam a direção temporal do progressismo sem recorrer à antiga linha da história multiplicando as inovações concernentes ao que pode significar a existência de um povo que habita uma Terra (Latour; Schultz, 2023, p. 67-68).

Outras classes com o mesmo propósito já têm a potência de somar, como as classes veganas, vegetarianas, motoristas de veículos elétricos, usuários conscientes de transportes coletivos e redes sociais como máquinas de ressonância alternativas de um mundo novo e habitável com segurança natural, um mundo de olhos nos olhos como espécies que se olham em uma Terra pacífica e não mais como humanos atuais endividados no modo violento olho por olho, dente por dente, adoecidos pela sociedade do desempenho e do cansaço (Han, 2021).

A classe ecológica pivô tem a função de conquistar as classes e massas para vencer as eleições locais e globais, determinar o rumo da longevidade das espécies e da Terra preservada pela espécie que pensa, que tem a filosofia, a ciência e a arte como instrumentos de conhecimento e possui a potência de, coletivamente, na comunidade das diferenças, disputar a hegemonia para viver no mundo e habitar o mundo conforme as limitações impostas pela fragilidade terrestre a qual percebemos atualmente. Essa nova classe deve ascender em velocidades políticas capazes de evitar o pior, por uma nova classe pivô ecológica, democrática e socialista.

Agradecimentos a João Sebastião Domiciano, biólogo, professor, amigo que apoiou na elaboração deste artigo.

Referências

- ADKINS, B. *Mil Platôs*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2023.
- AMOR FATI. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2025. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Amor_fati&oldid=70174756>. Acesso em: 24 mai. 2025.
- AZAM, Geneviève. *Carta à Terra e suas respostas*. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2020.
- BALCONI, L. R. *Direito e política em Deleuze*. São Paulo: Ideias & Letras, 2018.
- BUNKER. In: Wikipédia, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2026. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Bunker&oldid=1352632538>. Acesso em: 5 maio 2026.
- CURIOSIPHATOS. *Você sabia que tem mais bactérias no seu corpo do que células? O fascinante microbioma humano*. In: Wikipédia, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: <https://curiosiphatos.com.br/saude-corpo-humano/2024/12/voce-sabia-que-tem-mais-bacterias-no-seu-corpo-do-que-celulas-o-fascinante-microbioma-humano/>. Acesso em 27 abr. 2026.
- DANOWSKI, D. *A chuva desmancha todos os fatos*. São Paulo: n-1 Edições, 2024.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é filosofia?* 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia I*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011a.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs Vol. 1*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011b.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs Vol. 2*. São Paulo: Editora 34, 2011c.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs Vol. 3*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012a.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs Vol. 4*. São Paulo: Editora 34,

2012b.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs Vol. 5*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012c.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Conversações*. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

GUIMARÃES, J. *Em nome da liberdade: uma crítica socialista democrática ao regime neoliberal de Estado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2026.

HAN, B.-C. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Âyiné, 2014.

HAN, B.-C. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, B.-C. *Sociedade paliativa: a dor hoje*. Petrópolis: Vozes, 2021.

LATOUR, B.; SCHULTZ, N. *Memorando sobre a nova classe ecológica*. Petrópolis: Vozes, 2023.

MILOVIC, M. *Comunidade da diferença*. Ijuí: Unijuí, 2004.

MILOVIC, M. *Política e metafísica*. Rio de Janeiro: Max Limonad, 2017.

MILOVIC, M.; Sprandel, M.; Costa, A. A.; Nascimento, W. F.; Sampaio, T. E. C. *Sociedade e diferença*. Rio de Janeiro: Casa das Musas, 2006.

PAUL VIRILIO. *In: Wikipédia, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2026. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Paul_Virilio. Acesso em: 19 abr. 2026.

ZOURABICHVILI, F. *Deleuze: uma filosofia do acontecimento*. São Paulo: Editora 34, 2016.